

Romeu e Julieta

de William Shakespeare

Tradução: Fernando Paz

Personagens

CORO

ÉSCALO, Príncipe de Verona

PÁRIS, um jovem nobre, parente do Príncipe

MONTÊQUIO

CAPULETO chefe das duas casas inimigas

SEGUNDO CAPULETO, um velho da família Capuleto

ROMEO, filho de Montêquio

MERCÚCIO, parente do Príncipe e amigo de Romeo

BENVÓLIO, sobrinho de Montêquio e amigo de Romeo

TEBALDO, sobrinho de Sra. Capuleto

FREI LOURENÇO, um frade franciscano

FREI JOÃO, um frade franciscano

BALTASAR, criado de Romeo

SANSÃO, criado dos Capuletos

GREGÓRIO, criado dos Capuletos

PEDRO, criado da ama de Julieta

ABRAÃO, criado dos Montêquios

Um BOTICÁRIO

Três MÚSICOS

Um OFICIAL

SRA. MONTÊQUIO, esposa de Montêquio

SRA. CAPULETO, esposa de Capuleto

JULIETA, filha dos Capuletos

AMA de Julieta

Cidadãos de Verona: SENHORES e SENHORAS de ambas as casas; MASCARADOS,

CARREGADORES de tochas, PAJENS, GUARDAS, VICIAS, CRIADOS e SÊQUITO.

A cena se passa em Verona e em Mântua.

PRÓLOGO

Entre Coro

Dois casas iguais em dignidade, na bela Verona, onde se passa nossa história, movidas por um ódio antigo iniciam uma nova disputa, onde o sangue de cidadãos vaza as mãos de cidadãos. Do ventre fatal dos inimigos, nasce um casal de amantes marcado por uma má estrela, cujo desafortunado e lastimável destino esterra a realidade dos pais. A angustiadora história desse amor marcado pela morte e a raiva obstinada de suas famílias, que somente a morte dos filhos é capaz de encerrar, é o que se verá agora no palco. Se ouvirem com atenção, com nosso estípo procuraríamos suprir o que parecer insuficiente.

(Fim.)

PRIMEIRO ATO

Cena 1. Em Verona. Um local público

Entram Sanoão e Gregório, da casa dos Capuletos, com espadas e escudos.

SANOÃO. Gregório, palavra de honra, não vamos levar desaloro para casa.

GREGÓRIO. Não, pois não somos desaforados.

SANOÃO. Se nos provocarem, saltaremos no pescoço deles.

GREGÓRIO. Mas, se a coisa apertar, salvaremos nossa pessoa.

SANOÃO. Sem rápido, quando me atiquem.

GREGÓRIO. Mas não é rápido para se atiquem.

SANSÃO. Basta um cão da família Montiquio para me atiquar.

GREGÓRIO. Quem se atiqua, queima, quem é valente enfrenta; portanto, se alguém te atiqua, foga.

SANSÃO. Os cães daquela família me atiquem a enfrentar. Estou em pé de igualdade com os homens e as mulheres dos Montiquios.

GREGÓRIO. Isso mostra que és fraco. Quem está aos pés é um escravo.

SANSÃO. Verdade; sendo as mulheres escravas, estão sempre ao nosso pé; portanto, largo mão dos homens e atira as mulheres aos meus pés.

GREGÓRIO. A disputa é entre nossos senhores e nós, seus criados.

SANSÃO. Tanto faz. Servi um tirano. Lutando com os homens, servi hostil com as mulheres, cortarei suas cabeças.

GREGÓRIO. Das mulheres?

SANSÃO. Sim, a cabeça das mulheres ou as cortarei com a minha cabeça; entenda como quiser.

GREGÓRIO. Elas vão entender, quando sentirem.

SANSÃO. Elas vão me sentir quando eu estiver de pé, e tenho fama de ser bom carne.

GREGÓRIO. Tens fama de não ser peixe, mas se fosses, serias um peixe-espada. Puxa a espada, aí vês dois criados da família Montiquio.

Entram outros dois criados, Alvaro e Belizoso.

SANSÃO. Minha espada está mas; vai em frente, eu dou retaguarda.

GREGÓRIO. O quê? Ficas atrás pra fugir?

SANSÃO. Não tenhas medo de mim.

GREGÓRIO. De mim, não, de ti?

SANSÃO. Vamos deixar a lei do nosso lado; deixa que eles comecem.

GREGÓRIO. Vou francir a testa quando passar, eles que entendam como quiserem.

SANSÃO. Não, como quiserem. Vou morder o polegar, não reagir seria uma desonra.

ABRAÃO. O senhor está mordendo o polegar para nós?

SANSÃO. Estou apenas mordendo o polegar, senhor.

ABRAÃO. O senhor está mordendo o polegar para nós?

SANSÃO. (À parte, para Gregório) A lei estará do nosso lado, se eu disser que sim?

GREGÓRIO. (À parte, para Sansão) Não.

SANSÃO. Não, senhor. Não estou mordendo o polegar para os senhores; mas estou mordendo o polegar.

GREGÓRIO. Está procurando a senzenha?

ABRAÃO. Encerrou? Não, senhor.

SANSÃO. Mas se estiver, aqui estou. Sou criado de um senhor tão nobre quanto o
seu.

ABRAÃO. Tão nobre ou mais?

SANSÃO. Bem, senhor.

Entra Benvidio.

GREGÓRIO. *(À parte para Sansão)* Dize "mais"; vem aí um parente de nosso amo.

SANSÃO. Sim, mais.

ABRAÃO. Mentira.

SANSÃO. Puxe a espada, se for homem, Gregório, usa aquele golpe. *(Latam.)*

BENVÍDIO. Parra, seus imbecis! *(Abaixa com um golpe suas espadas.)* E guardem
as armas; não têm noção do que estão fazendo.

Entra Teraldo.

TERALDO. O quê? Apontando a espada para uns pobres criados? Olha aqui,
Benvidio; encara tua morte.

BENVÍDIO. Estou em missão de paz; guarda a espada, se usa-a, como eu, para
separá-las.

TERALDO. Com a espada na mão, e falas de paz! *(Odeia essa palavra, como odeia
os Montíquios e a ti. Toma, corra!)* *(Latam.)*

Entram três ou quatro cidadãos armados de pau.

CIDADÃOS. Bastões, lanças e espadas! Latem, acabem com eles. Abatem os Capuletos! Acabem com os Montéquios!

Entra o velho Capuleto, de roupão, com sua mulher.

CAPULETO. Que bagunça é essa? Minha espada, tragam-me!

SRA. CAPULETO. Uma moleta, uma moleta! Para quê uma espada?

CAPULETO. Minha espada! O velho Montéquio está vindo. E está brandindo a espada contra mim.

Entra o velho Montéquio, com sua esposa.

MONTÉQUIO. Capuleto, seu vilhaco! Não me segurem, deixe-me ir.

SRA. MONTÉQUIO. Não vai dar um passo para enfrentar o inimigo.

Entra o Príncipe Escalo, com seu alcaide.

PRÍNCIPE. Rebeldes, inimigos da paz, profanadores, que mancham a espada com o sangue dos próprios vizinhos - até! que não me ouvem? Ô, ei! Homens, bestas, que atacam o fogo com culpas perniciosas, com o jorro do sangue que corre nas veias! Sob pena de tortura, larguem as espadas de suas mãos sangrentas e ouçam a sentença de um príncipe irritado. Três guerras civis, nascidas de vossas palavras, velho Capuleto e velho Montéquio, três vezes perturbaram a calma de nossas ruas, fazendo os velhos cidadãos de Verona se despojarem de suas vestes graves para empunhar velhas espadas, em mãos igualmente velhas, enferrujadas na paz, para aplacar vosso ídio enferrujado. Se perturbarem mais uma vez as ruas, com suas vidas pagarei o preço da paz. Desta vez, vão embora. Capuleto, venha comigo; Montéquio, venha à tarde ao tribunal da Vilafranca, para saber nossa decisão sobre o caso. Pela última vez, sob ameaça de pena de morte, vão embora daqui. *[Jazem todos, menos Montéquio, sua esposa e Escalo.]*

MONTÊQUIO. Quem desta vez atipou a velha rivalidade? Pala, sobrinha, estamos aqui quando tudo começou?

BENVÓLIO. Aqui estavam os criados de seu adversário, e os seus, lutando quando me aproximei. Puxei a espada para apartá-los; nesse momento, chegou Trimaldo, agressivo, com a espada em punho, cortando o ar sobre a cabeça enquanto me desafiava. O vento, em nada ferido, voltou-o com desprezo. Enquanto trocávamos golpes e reticadas, mais gente se juntou e houve luta por toda a parte, até que chegou o Príncipe, e apartou a todos.

SRA. MONTÊQUIO. Oh, onde está Romeu? Não o viste hoje? Ainda bem que não se envolveu nessa briga!

BENVÓLIO. Madame, uma hora antes de o divino sol surgir na janela dourada do Oriente, minha mente agitada levou-me a caminhar. Andando pelo bosque de figueiras do lado oeste da cidade, muito cedo vi seu filho, que também andava. Foi em sua direção, mas ao me ver ele se esgueirou para dentro do bosque. Eu, julgando seus sentimentos pelos meus, que mais procuro onde nem eu posso achar, sendo já eu mesmo demais para mim, segui meus caprichos, e não mais os dele, evitando contatos que o contrário me evitava.

MONTÊQUIO. Ele tem sido visto por lá de manhã, somando lágrimas ao orvalho, e suspiros profundos à neblina da manhã; mas tão logo no Oriente desponta o sol que tudo alegre, tirando os lençóis escuros da cama da Aurora, meu filho noturno foge da luz e mete-se a si no quarto, fecha as janelas, trancando para fora a luz clara do dia, e faz para si uma noite artificial. Seus caprichos podem acabar muito mal, se um bom conselho não o emendar.

BENVÓLIO. Meu nobre tio sabe a causa disso?

MONTÊQUIO. Não sei, nem ele o dia.

BENVÓLIO. O senhor já falou com ele?

MONTÉQUIO. Não só eu, mas também muitos amigos. Mas ele, conselheiro dos próprios sentimentos, anda reservado – e talvez pouco sábio; mas anda tão reservado e discreto, tão cuidadoso a sondagens e descobertas quanto um botão picado por um verme inveja-se antes de poder abrir suas pétalas ao vento, ou oferecer sua beleza ao sol. Se descobríssemos a causa de sua tristeza, de bom grado o ajudariamos na cura.

Entra Romeo.

BENVÓLIO. Ele está vindo. Por favor, afastem-se; ou me dirá por que sofre, ou terá que me dizer várias vezes “não”.

MONTÉQUIO. Eu ficaria muito feliz se conseguíssemos uma confissão. Vem, minha senhora, afastemo-nos.

(Saem Montéquio e sua esposa.)

BENVÓLIO. Bom dia, primo.

ROMEU. Ainda é tão cedo?

BENVÓLIO. Acabaram de soar as nove.

ROMEU. Ah! As horas tristes demoram. Não foi nada por quem saiu apressado?

BENVÓLIO. Foi. Que tristeza é essa que prolonga tuas horas?

ROMEU. A tristeza de não ter aquilo que as encurtaria.

BENVÓLIO. Apalmonado?

ROMÉU. Longe...

BENVÓLIO. Do amor?

ROMÉU. Longe dos favores de quem ama.

BENVÓLIO. Pensa que o amor pareça doce, sendo tão tirano e rude!

ROMÉU. Pensa que o amor, ainda que vendado, procure os meios de satisfazer sua vontade! Onde vamos jantar? Ah! O que houve aqui? Não, não me digas, pois já ouvi tudo. Isto aqui tem a ver com o ódio, mas ainda mais com o amor. Ah, tumultuado amor! Amantez delirio! Sendo tudo, fez-se do nada! Crane leveza! Séria levandade! Casos informes de belas formas! Pluma de chumbo, fumaça clara, fogo frio, saúde enferma! Sono desperto, que não é o que é! Este é o amor que sinto, sem sentir nenhum amor nisto. Não ris?

BENVÓLIO. Não, prima, eu choro.

ROMÉU. E por qual, bondoso amigo?

BENVÓLIO. Por que teu coração está angustiado.

ROMÉU. Veja como age o amor. A tristeza pensa em meu peito, é tu a propagaes, acrescentando a minha à tua. Teu amor aumenta a já enorme tristeza que sinto. O amor é fumaça que os suspiros exalam; libertado, é fogo nos olhos dos amantes; suferença, é um mar de lágrimas. E o que mais? É uma discreta loucura, uma mágoa que valera, uma doçura que anima. Adrés, primo.

BENVÓLIO. Calma! Vou contigo; não faças bem, me deixando só.

ROMÉU. Ah, eu me perdi; não estou aqui; não sou Romeu, ele está em algum outro lugar.

BENVÓLIO. Ainda que triste, conta por quem estás apaixonado.

ROMÉU. Seria que devo me lamentar contigo?

BENVÓLIO. Lamenta, por que não? Mas diz quem é.

ROMÉU. Pedes a um doente para fazer seu testamento. Pedes em má hora a quem está bem mal! É triste, primo, mas estou apaixonado.

BENVÓLIO. Então acertei, quando supus que amava.

ROMÉU. És bom de alvo! Ela é tão bela, a moça que amo.

BENVÓLIO. Um belo alvo é fácil de acertar.

ROMÉU. Agora erraste. A seta do cupido não vai acertá-la. Ela é experta como Diana, e está tão protegida em sua castidade que o pequeno e fraco arco do amor não pode atingi-la. Não vai cair nas ciladas do cortejo, nem ceder aos olhares alentos, nem oferecer o colo ao ouro que até aos santos seduz. Ah, ela é rica em beleza. Pena que, ao morrer, sua beleza morrerá com ela.

BENVÓLIO. Então ela jurou que vai viver casta?

ROMÉU. Jurou, e em se pouando, causa um grande desperdício, pois sua beleza, sufocada por tanto rigor, priva de beleza toda a posteridade. Ela é tão bela, tão sábia, e tão sabiamente bela, que vive em paz com minha tristeza. Renunciou ao amor, e por este voto eu vivo morto, pois vivo para contar.

BENVÓLIO. Dá meu conselhos para de pensar nela.

ROMÉU. Ah, mostra-me a parar de pensar!

BENVÓLIO. Dá liberdade a teus olhos. Olha para outras moças bonitas.

ROMÉO. Seria o melhor jeito de lembrar a beleza dela. O vício que beija um rosto gracioso, ainda que o esqueça, só faz lembrar a beleza que esconde. Um homem que ficou cego não esquece o precioso tesouro que perdeu com a visão. Mostra-me uma moça razoavelmente bela, e o que será sua beleza sendo uma página onde levi o nome de alguém ainda mais belo? Adeus. Não podes me ensinar a esquecer.

(Roméu sai sozinho, acompanhado por um criado. Entra Capuleto, seguido por Páris e um criado.)

BENVÓLIO. Vou pagar esta promessa, ou então morrerei devendo. *(Saiem.)*

Cena II. Uma rua

(Entra Capuleto, com Páris e um criado.)

CAPULETO. Montíquio está tão enraascado quanto eu, e paira sobre ele a mesma pena. Mas não será muito difícil, para velhos como nós, vivermos em paz.

PÁRIS. Ambos têm boa reputação, é pena que tenham vivido em constante guerra. Mas agora, senhor, o que tem a dizer sobre meu pedido?

CAPULETO. Repito apenas o que já disse: minha filha ainda é estranha ao mundo, não vai chegar os setenta anos; antes de considerá-la madura para o casamento, vamos esperar a passagem de dois verões.

PÁRIS. Mais novas do que ela, já há muitas filhas.

CAPULETO. Mais novas e já arruinadas. A terra engoliu todas as minhas esperanças, menos ela. Ela é minha esperança na Terra. Mas cortejava, bom Páris, conquistou seu coração. Meu desejo é para ela apenas um detalhe. Se ela aceitar, estou de acordo e dou meu consentimento. Hoje à noite darei um tradicional baile de máscaras, para o qual convidei muitas amigas; e és muito bem-vindo entre as convidadas. Em minha humilde casa, vais ver estrelas que da terra farão o céu brilhar. Sentirás o que sentem os jovens galantes rodeados do frescor de

botões femininos, quando o mês de abril, em toda uma embriaguez, alcança os pés do rigoroso inverno. Durve todas, vê todas, e escolhe a mais preciosa: minha filha, em número, será apenas mais uma. Porém, é incomparável. Vem comigo. (Ao criado, entregando-lhe um papel.) Vai, rapaz, percorre toda a bela Verona; procura as pessoas que estão nesta lista e diz a elas que minha casa e minha hospitalidade estão à disposição. (Saindo Capuleto e Paris.)

CRÍADO. Procura as pessoas que estão nesta lista! Aqui está escrito que o sapateiro deve cuidar do jardim, o alfaiate das botas, o pescador dos pinóis e o pintor das redes; mas eu tenho que procurar as pessoas que estão nesta lista e não tenho nem ideia de que está escrito aqui. Aos letrados. Em boa hora!

Entram Benvólio e Romeu.

BENVÓLIO. Homem, um incêndio consome estas, uma dor diminui a outra; a natureza se cura girando a cabeça para o outro lado; um pesar desesperado cura outro; e uma nova infecção no olho faz passar o veneno rançoso da outra.

ROMEU. Folhas de platano são ótimas para isto.

BENVÓLIO. Para quê?

ROMEU. Para tua perna quebrada.

BENVÓLIO. Por que, Romeu, estás louco?

ROMEU. Maluco não, mas muito afiado do que um louco; aprisionado e privado de alimento, chicoteado e atormentado, e bem dia, bom, rapaz.

CRÍADO. Deus lhe conceda saúde. Por favor, o senhor sabe ler?

ROMEU. Sei, minha miséria em meu próprio futuro.

CRIADO. Talvez tenha aprendido isto sem precisar de livros. Mas, por favor, não leia tudo o que está!

ROMÉU. Sei, se conhecer a língua e entender a letra.

CRIADO. Está sendo sincero. Passar bem!

ROMÉU. Espere, rapaz. Eu sei ler. (Lê o lista.) "Senhor Martino, sua esposa e filhas; conde Anselmo e suas belas irmãs; a senhora viúva de Vitruvius; o senhor Placêncio e suas adoráveis sobrinhas; Mercúrio e sua irmã Valentino; meu tio Capuleto, sua esposa e filhas; minha bela sobrinha Rosaline e Livio; senhor Valêncio e seu primo Tebaldo; Lúcio e a viva Helena." Que bela turma. (Devolve o papel.) Para onde eles vão?

CRIADO. Lá em cima.

ROMÉU. Para onde?

CRIADO. Jantar. Em nossa casa.

ROMÉU. Que casa?

CRIADO. Da meu patrão.

ROMÉU. Claro, eu já deveria ter perguntado isto.

CRIADO. Pois digo sem ser perguntado: meu senhor é o nobre e rico Capuleto; e se o senhor não for da família Montíquo, peço que venha e beba uma taça de vinho. Passar bem!

SONVÓLIO. Nessa mesma tradicional festa dos Capuletos, vai jantar tua bela amada Rosaline, na companhia de todas as belas moças de Verona. Vai até lá, e

com olhos secos compara seu rosto com alguns que hei de mostrar, e eu te farei crer que teu choro não passa de um corvo.

ROMÉU. Se meus olhos, ainda que devotos, confirmarem essa mentira, que minhas lágrimas se transformem em fogo, e que estes horrores, meus olhos, tantas vezes afogados em vício, sejam queimados por traição! Alguém mais heio do que meu amor! O sol, que todo vê, nunca viu nada igual, desde a origem dos tempos.

BENVÓLIO. Ela é bonita, sem outra por perto, comparada consigo própria, na balança dos três olhos; nessa mesma balança de cristal, vamos pesar tua amada ao lado de outra, belíssima, que te mostrarei na festa. E ela dificilmente se sairá tão bem.

ROMÉU. Eu irei. Não por ela, mas para desfrutar do esplendor do meu amor.

(Saem.)

Cena III. Casa dos Capuletos

Entram a Sra. Capuleto e a Ama.

SRA. CAPULETO. Ama, onde está minha filha? Chama-a para mim.

AMA. Ah, mas por minha virgindade perdida aos doze anos de idade, eu já a chamei. Overbitchai! Juanchai! Deus me perdoe! Onde está essa menina? Onde, Julieta!

Entra Julieta.

JULIETA. Que foi? Quem chama?

AMA. Sua mãe.

JULIETA. Estou aqui, madame. O que é?

SRA. CAPULETO. O assunto é o seguinte. Ama, retira-te por favor. Precisamos falar em particular. Ama, volta aqui; soube de ideia, vai ouvir nossa conversa. Conhece minha filha desde pequena.

AMA. Conheça, sei o dia, o mês e o ano em que nasceu.

SRA. CAPULETO. Ainda não fez catorze anos.

AMA. Aponta catorze dentes - embora, verdade seja dita, tenho apenas quatro - como ela ainda não fez catorze anos. Quantos dias faltam para o primeiro de agosto?

SRA. CAPULETO. Duas semanas, mais ou menos.

AMA. Mais ou menos, não importa, nesse mesmo dia do ano, na noite da Festa da Colheita, ela fará catorze anos. Ela é a Suzana - Deus abençoe as almas cristãs! - eram da mesma idade, sim, Suzana está com Deus. Ela era boa demais para mim. Mas, como eu dizia, no dia primeiro de agosto, ela fará catorze anos. Isso mesmo. Lembra direitinho. Desde o dia do terremoto, passaram-se onze anos. E ela estava desmamando - nunca vou me esquecer - de todos os dias do ano, foi bem naquele dia; eu tinha passando leite no peito, e estava sentada no sol, encostada na parede do pombal, meu pai e a senhora estavam em Milstua. Não, eu tenho boa cabeça. Mas, como eu dizia, quando ela sentia o leite no bico do meu peito e sentia aquele gosto amargo, pobrezinha, ficou tão irritada que bateu no meu peito! O pombal começou a sacudir, e não precisou mais nada para eu sair correndo de lá. Desde então, passaram-se onze anos; nessa época, ela já ficava em pé sentinha; é, corria com passinhos de ganso por toda a parte; um dia antes, mesmo, ela tinha batido a testa; meu marido - que Deus o tenha! -, que tinha um espírito alegre - levantou a menina. "É", ele disse, "cabe de testa? Vai cair de costas quando for mais espertinha, não vai, juju?" E, juro por Nossa Senhora, a

potentinha parou de chorar e disse "Vou". Assim, olha como ela fez um gracejo! Eu juro, nem que viva mil anos, jamais vou me esquecer daqui: "Não vai, não vai", eis perguntas; e a tolinha parou de chorar e respondeu, "Vou".

SRA. CAPULETO. Já chega. Por favor, seja quieta.

AMA. Sim, madama. Mas não consigo segurar o riso. E pensar que ela parou de chorar e disse: "Vou." E olha que tinha um galo do tamanho de uma pedra, na testa - foi um tombo feio, e ela chorou tanto. "É", disse meu marido, "vai de testa? Vai cair de costas quando for mais expertinha; não vai, não vai?". E ela parou de chorar e disse, "Vou".

JULIETA. Para também, minha ama, por favor.

AMA. Calma, já terminei. Deus te abençoe! Foste o bebê mais lindo que já amamentei; e quero viver para ver teu casamento, este é meu desejo.

SRA. CAPULETO. É disto, é de casamento que quero lhe falar. Diga, minha filha, está disposta a se casar?

JULIETA. É uma honra com a qual nunca sonhei.

AMA. Uma honra! Se eu não fosse tua ama, diria que tomou jeito junto com a leite.

SRA. CAPULETO. Pois pensa agora num casamento. Mais nova do que a senhorita, aqui em Verona, muita mulher de respeito já se tornou mãe. Pelas minhas contas, na tua idade, tu já era tua mãe. Então, resumindo: o nobre Paris a ama.

AMA. Um homem, senhorita! Senhorita, um homem como ele - só recomenda.

SRA. CAPULETO. A primavera de Verona não dá melhor flor.

AMA. *É, ele é uma flor; é verdade, e que flor!*

SRA. CAPULETO. O que me diz? É capaz de amar esse casafheiro? Esta noite, ele virá à nossa festa; leia no conto do jovem Páris o encanto escrito com a pena da beleza; examine seus traços, tão bem casados, e veja com que charme um melhora o outro; e se algo não ficar claro nesse livro, procure a solução escrita em seus olhos. Esse precioso livro do amor, de folhas ainda azuis, para ficar mais belo, só lhe falta uma capa. O peixe vive no mar, e é orgulho demais negar à beleza uma bela capa com que a encerrar. Este livro, aos olhos de muitos, merece a glória de encapar em ouro uma história também dourada; casando com ele, vai compartilhar do que ele tem, sem que isto em nada o diminua.

AMA. *Em nada! É mais; a mulher crescer ao lado de um homem.*

SRA. CAPULETO. *Seja breve, é capaz de descorar o amor de Páris?*

JULIETA. Vou olhar para gostar, se o que vir basta para meu gosto. Mas não porei nisto mais esforço do que pede o seu consentimento.

Entra um criado.

CRÍADO. Madame, os convidados chegaram, o jantar está servido, a senhora está sendo solicitada, a senhorita está sendo chamada, a ama está sendo consultada na copa, e tudo o mais está pronto. E eu tenho que me apressar para o serviço; peço que me acompanhem.

SRA. CAPULETO. Estarei a caminho. *[Criado sai.]* Julieta, o conde está esperando.

AMA. Vai, menina, procurar noites felizes para dias felizes. *[Issem.]*

Cena IV. Uma rua

Entram Romeo, Mercúcio, Benvílio, com cinco ou seis outros Mascorados; Corregedores de tochos.

ROMEU. Estão, vamos dizer alguma coisa antes de entrar? Ou entramos assim, sem pedir licença?

BENVÍLIO. Hoje em dia não se faz mais isto. Não teremos nenhuma capota de olhos vendados e arco tártaro de madeira pintada para espantar as moças, como um espantalho; e nem um prólogo mal decorado e soprado por um ponto à nossa entrada; que nos tomem por quem quiserem, vamos entrar, dançar um pouco e depois ir embora.

ROMEU. Dêem-me uma tocha, não estou disposto a dançar, sombrio como estou, vou fumando o caminho.

MERCÚCIO. Não, meu caro Romeo, tens que dançar.

ROMEU. Sem pensar. Seus sapatos são leves e bons para dançar: minha alma pesa feito chumbo, prego-me ao chão e não me deixo dar um passo.

MERCÚCIO. Estás apaixonada; pega as asas do Cupido e flutua acima dos nossos passos.

ROMEU. Estou ferido demais por suas flechas para flutuar com suas asas; e estou tão machucado, que não poderia saltar sobre a menor dor. Sob o peso do amor, eu afundo.

MERCÚCIO. Toma-o nos braços, se quiser vencê-lo. É peso demais para um sentimento tão terno.

ROMEU. O amor, uma sentimento terno? É brutal, Rude, violento. É machuca como um espinho.

MERCÚCIO. Se o amor é rude, seja-o duro com o amor; pica-o por picá-lo e o venerás. Dá-me uma máscara para meu rosto. [Vai-se e malvora.]

Uma máscara sobre outra máscara! Que me importa que olhos curiosos reparem em meus defeitos? Estas sobrancelhas enormes vão de corar por mim.

ERVÓLIO. Vámas bater e entrar; uma vez lá dentro, cada um que faça bom uso de suas próprias pernas.

ROMÉU. Para mim, uma tocha. Quem tiver o coração leve e festivo que dance e diga cócegas nos pés. Estou feito um procriador do tempo do meu avô: seguro a vela e assisto; a festa nunca esteve tão boa, e eu aqui na lama.

MERCÚCIO. Faz fama e dita na lama, dita o meu avô; se estás na lama, vamos arrancá-lo do fosso desse tão reverendo amor, onde estás afundado até a orelha. Vamos, estamos desperdiçando a luz do dia!

ROMÉU. Não, não é bem assim.

MERCÚCIO. Estou dizendo, senhor, que, se demonstrarmos, queimarmos as tochas em vão, como lutas acexas de dia. Cria em nosso bom propósito, pois faz cinco vezes mais sentido do que um só despropósito de todos os nossos sentidos.

ROMÉU. E nosso propósito é entrar neste baile de máscaras; não, não estamos bem de propósito.

MERCÚCIO. Pode-se saber por quê?

ROMÉU. Eu tive um sonho esta noite.

MERCÚCIO. Eu também.

ROMÉU. E o que sonhaste?

MERCÚCIO. Que quem sonha costuma mentir.

ROMÉU. Dormindo, na cama, quando sonha que é tudo real.

MERCÚCIO. Ah, vejo então que a Rainha Mab lhe fez uma visita. Ela é a parteira das fadas, do tamanho de uma pedra de ágata no dedo indicador de uma pessoa alta. Ela é puxada por uma fileira de anátemas através do nariz dos homens que dormem, deitados; as rodas da sua carruagem são feitas de compridas patas de ananás; a capota, são as asas de um gafanhoto; os arreios são flautinhas finas de trevo; seu colar, rubis óndulos do luar; o cabo do chicote é um osso de grilo; o aquilão, um filamento; o condutor, um mosquitinho vestido de circo, do tamanho da metade de um verme retirado do dedinho de uma criada. Sua carruagem é uma caixa de sorvete, feita pelo espelho carpinteiro ou pela larva moeta, que desde tempos imemoriais fabrica as carruagens das fadas. E assim ela galopa noite após noite, pelo círculo dos amantes, que sonham com o amor; pelas joelhas dos cortesãos, que sonham com reverências; pelos dedos das advogadas, que então sonham com honorários; pelos lábios das moças, que sonham com beijos; lábios onde, às vezes, irritada, Mab faz nascer feridas, quando sente que o hábito está estragado por confitos. Às vezes, ela galopa pelo nariz de um cortesão, e ele então sonha que fareja um peixe; e, às vezes, ela chega com um pedacinho de rabo de porco e faz cegos no nariz de um vigário adormecido, que sonha então com alguma caridade. Às vezes, ela passa pelo pescoço de um soldado, e ele sonha que corta a garganta de um inimigo, sonha com ciladas, emboscadas, espadas espanholas, com taças de nove metros de altura, e também com tambores que batem em seus ouvidos; é quando ele se assusta e acorda. E, apavorado, faz uma ou duas orações, e dorme novamente. Essa é a mesma Mab que embarça as crimas dos cavaleiros à noite; e faz das tranças um chamego fêtil de cabelo que, uma vez desembragado, traz má-sorte. Ela é a bruxa que aperta as moças quando se deitam, e as ensina a partir. Ela é a...

ROMÉU. Quieto, quieto, Mercúcio, quieto! Então dizendo bobagens.

MERCÚCIO. Verdade, estou falando de sonhos, que são o fruto de um cérebro ocioso, repleto somente de fantasia; que é sutil como o ar, e mais inconstante do que o vento, e que agora mesmo carrega o frio do norte mas, quando irritado, volta balando em direção ao sul, choroso de orvalho.

BENVÓLIO. Esse mesmo vento já nos levou para muito longe: o jantar acabou e vamos chegar tarde demais.

ROMÉU. Ou cedo demais, creio: pressinto que algo sinistro, que paira sobre as estrelas, terá início na noite deste baile, e irá condenar uma vida desprezada com a sentença vil de uma morte prematura. Mas quem maneja o leme da minha vida insufla as minhas velas! Adiante, valentes cavalheiros.

BENVÓLIO. E que tocam os tambores.

(Eles marcham pelo palco. Fim.)

Cena V. Casa dos Capuletos

Entram os Mascaramados e os Criados de servir com guardanapos.

CRIADO 1. Onde está Putpan, que não me ajuda a servir? Tu, troca os pratos! Tu, raspa os pratos!

CRIADO 2. Quando os cuidados de uma casa estão nas mãos de um ou dois homens que não lavam as mãos, isto é um problema.

CRIADO 1. Afasta os bancos, tira a cristaleira, cuidado com a batida. Por favor, guarda para mim um marzipan; e, por amor, deixa entrar a Susan Grindstone e a Nell. Antônio, Putpan!

CRIADO 2. Estou aqui, rapaz.

CRIAÇÃO 1. Estão sendo chamado, procurado, buscado e requisitado no salão principal.

CRIAÇÃO 3. Não se pode estar em todos os lugares, ao mesmo tempo. Sorriam, rapazes! Sejam rápidos e, quem sobreviver, vai arrumar tudo! (Criações se retiram.)

Entre Capuleto, com todos os Cavaleiros e Senhores, e fale aos Mascaramas.

CAPULETO. Bem-vindos, cavalheiros! As mulheres que não sofrem de calos nos pés dançarão com os senhores. Ah, ah, muitas senhoras! Qual de vós irá negar uma dança? Quem se fizer de difícil, direi que tem calos; será que adivinho algo? Bem-vindos, cavalheiros! Houve um tempo em que eu podia usar máscara e fazer galanteios às belas damas, e isto me agradava. Mas já passou, já passou, já passou! Sejam bem-vindos, cavalheiros. Venham, músicos e toques. A sala, a sala! Abriam espaço, e dançem, meninas. (Os músicos tocam e eles dançam.) Criados, mais luz! Arrastem as mesas e apaguem o fogo, está muito quente aqui. Ah, meu criado, este prazer inesperado vem muito a contrato. Sente-se, sente-se, meu bom primo Capuleto. Para nós, o tempo dos bailes já passou. Quanto tempo faz que não usamos uma máscara?

SEGUNDO-CAPULETO. Minha Noiva Senhora, uma trinta anos.

CAPULETO. O quê, homem! Não faz tanto tempo assim, não faz tanto tempo assim. Foi no casamento de Lulécio, faz uma vinte e cinco anos; e dançamos de máscara.

SEGUNDO-CAPULETO. Faz mais tempo, mais tempo: o filho dele é mais velho que isso; o filho dele já fez trinta.

CAPULETO. Sério? Há dois anos, o rapaz não era maior de idade.

RÔMEU. [Para um criado] Quem é aquela moça que emborece as mãos daquele cavalheiro?

CRÍADO. Não sei, senhor.

RÔMEU. Ah, ela ensina as tochas a brilhar! Parece que pensa da face da noite como uma rica joia na orelha de uma etíope — bela demais para o uso, cara demais para a vida terrena! Uma pomba branca voando entre os corvos, é ela entre as outras donzelas. Depois desta dança, vou procurá-la e, tocando-a, abençoar minhas mãos escuras. Meu coração já amou um dia? Esqueçam, meus olhos; pois eu nunca tinha visto a verdadeira beleza.

TERALDO. Pela voz, deve ser um Montéquio. Vai buscar minha espada, rapaz. Como este miserável ousa vir até aqui, mascarado, para rir e zombar da nossa festa? Pela honra e pelo valor de minha família, não seria um pecado matá-lo.

CAPULETO. O que há, meu sobrinho? Por que estás tão agitado?

TERALDO. Tia, aquele é um Montéquio, nosso inimigo; um bandido, que veio para zombar de nossa festa.

CAPITÃO. Não é o jovem Romeu?

TERALDO. Ele mesmo, o infame Romeu.

CAPULETO. Calma, gentil sobrinho, deixa-o para lá. Ele está se portando como um cavalheiro. E, para ser sincero, Verona tem orgulho da educação e das virtudes desse rapaz. Nem por todo o ouro desta cidade eu lhe faria uma afronta aqui em minha casa. Tem paciência, faz de conta que não o vê; esta é minha vontade, e se queres respeitá-la, mostra-te alegre e desliza essa carranca, que não convém em uma festa.

TEBALDO. Consim, quando há um banalido entre as caridades. Não vou aturir-lo.

CAPULETO. Teria que aturir-lo. Meu bom rapaz! Teria, sim. Vai então; quem manda aqui, eu ou tu? Vai então! Não vais aturir-lo! Valha-me Deus! Vais armar uma confusão diante das meus caridades! Provocar uma briga! Tu!

TEBALDO. Mas, tio. É uma vergonha.

CAPULETO. Vai então, vai; és muito repentado. Então, é assim? Essa tua birra pode te custar caro. Eu sei: queres é me contrariar. Está na hora. Muito bem, querido! - Impertinente; vai. Fica quieto ou - Mais luz, mais luz! Que vergonha! Eu vou te acalmar. Mas! Sorriam, meus queridos!

TEBALDO. A paciência que me pedes afronta minha cólera e só me deixa mais agitado. Vou-me embora; mas esse intruso, que hoje é meu, amanhã será amargo fel. (Sai.)

ROMEO. (Para Julieta.) Se minhas mãos indignas profanam este santuário, aceito minha penitência: meus lábios, peregrinos e corados, estão prontos a compensar meu rude toque com um doce beijo.

JULIETA. Bom peregrino, estás sendo injusto com tuas mãos, que agem com devoção cortês; pois os santos têm mãos que os peregrinos tocam, e este é um gesto sagrado.

ROMEO. Santos e peregrinos não têm lábios, também?

JULIETA. Sim, peregrinos, lábios que usam para rezar.

ROMEO. Permite então, ó santa, que os lábios façam o que fazem as mãos! Elas rezam, dizes tu, para que a fé não se transforme em desespero.

JULIETA. Santos não se movem, mas atendem às orações dos devotos.

ROMÉU. Então, não te movas enquanto meus pedidos são atendidos. Com meu lábio junto aos teus, meus pecados serão remidos. *[Beija-a.]*

JULIETA. Agora, estão em meus lábios os pecados que eram teus?

ROMÉU. Pecado em teu lábio? Ah, como instiga minha casaca com doçura! Devolve-me os pecados. *[Beija-a novamente.]*

JULIETA. Beijas como um santo.

AMA. Madame, sua mãe quer falar com a senhorita.

ROMÉU. Quem é a mãe dela?

AMA. Ora, meu rapaz, a mãe dela é a dona desta casa, e uma grande dama, sábia e virtuosa. Eu cuidei de sua filha, a moça com quem falava. Quem quiser desposá-la tem que ter muito dinheiro.

ROMÉU. Ela é uma Capuleto? Agora é que vejo! Devo minha vida a meus inimigos.

RENÓLIO. Vamos. A festa está no argo.

ROMÉU. Temos que sim, temos também pelo meu sangue.

CAPULETO. Não, cavalheiros, não se vão. Temos um banquetezinho pela frente. Já se vão? Então, muito obrigado. Obrigado, cavalheiros; boa noite. Aqui, mais tochas! *[Saem os Montecuchos.]* Vamos, para a cama. Ah, meu criado, já é tarde. Vou descansar. *[Saem todos, menos Julieta e a Ama.]*

JULIETA. Vem aqui, ama. Quem é aquele cavalheiro?

ANA. O filho e herdeiro do velho Tíbetrio.

JULIETA. E aquele que agora sai pela porta?

ANA. Acho que é o jovem Petríquio.

JULIETA. E aquele ali, que não quis dançar?

ANA. Não sei.

JULIETA. Vai lá perguntar seu nome. Se for casado, meu tálamo será meu leito nupcial.

ANA. O nome dele é Romeu, e é um Montíquio, filho único de seu grande inimigo.

JULIETA. Meu único amor de um ódio nascido! Amado há tão pouco e já tarde demais! Prodigio de amor em mim concebido, amar o inimigo naquele rapaz.

ANA. O que é isso? O que é isso?

JULIETA. Uns versos que aprendi com alguém que dançei há pouco.

(Alguém chama de dentro "Julieta".)

ANA. Vamos embora; os farasteiros já se foram. (Saem.)

[illegible]

1000

1999

Agora, o velho amor jaz em sua leito de morte, e uma nova paixão reclama sua herança: a bela jovem, por quem o amante gemia e se dispunha a morrer, comparada à terna Julieta, já não é bela. Agora, Raimundo é amado por quem o ama, os dois igualmente encantados pelo feitiço das aparências, mas ele tem que declarar seu amor a seu suposto inimigo, e ela, fugir a doce boca de um temível animal. Sendo considerados inimigos, ele não pode patar os votos habituais dos amantes. E ela, tão apaixonada quanto ele, muito menos pode encontrar seu novo amado onde quer que seja. Mas a paixão os fortalece, e o tempo fornece os meios de se encontrarem, trespassando o perigo extremo com prazeres de igual teor.

(Est.)

Cours 1. Un bon jardinier au jardin des Conspireurs

1000 1000

ROMÃO, Podes eu seguir adiante, se meu coração está aqui? Volta, terra estúpida, tua cabeça está aqui. (Ele encala o muro e volta para o jardim.)

References

RESEARCH, BUSINESS, BUSINESS, BUSINESS

reparaciones. De él sólo, puedo hacer que tomara el camino de casa.

RENÓLIO. Ele correu nesta direção e saltou o muro deste jardim. Chama-o, bom Renólio.

MERCÚCIO. Mas que isso, eu o conjuro. Romeu! Caprichoso! Louco! Perdo! Amante! Mostra-te, na aparência de um suspiro; declara apenas um verso e ficarei tranquilo; grita ao menos "eu", diz ao menos "amar" ou "pombinha"; fala à minha maneira. Vêias uma bela palavra, um nomezinho para seu filho cego e herdeiro, o jovem Capido, que acortou tão bem quando o Rei Cofinas se apaixonou pela jovem mendiga! Ele não corre, não lamenta, não se mente; o pobrezinho está morto e preciso conjurá-lo. Conjuro-te pelos olhos claros de Rosalina, por sua fronte alva e lábios vermelhos, por seus belos pés, suas pernas esbeltas e suas anélas, pelas propriedades que tem nossa região, eu te conjuro a revelar-te em tua própria aparência.

BENVÓLIO. Se ele corre lá, vai se irritar.

MERCÚCIO. Ele não vai se irritar por isso, iria se eu invocasse perto de sua amada algum espírito desconhecido, que ficasse ali parado até ela vir vendê-lo e exorcizá-lo; isso o irritaria. Minha invocação é justa e honesta: em nome de sua amada, eu o conjuro simplesmente para que se manifeste.

BENVÓLIO. Vem, ele se escondeu no meio dessas árvores para ficar a sós com a noite caprichosa: o amor dele é cego e combina malhar com a escuridão.

MERCÚCIO. Se o amor é cego, não vai atingir o alvo. Agora, ele vai se sentar sob uma ameleta e desejar que sua amada seja aquele fruto que as moças chamam de ameixa quando brincam varinhas. Ah, Romeu, se ela fosse, ah, se ela fosse um estreito aberto e tu um pepino! Romeu, boa noite. Voa para casa: esta noite é gelada demais para eu me deitar. Vamos?

BENVÓLIO. Vamos; é inútil procurá-lo aqui, porque ele não quer ser encontrado.
(Saem.)

Cena II. Jardim dos Capuletos

Entra Romeu.

RÔMEU. Ele ri das ciostreiras porque nunca se machucou.

Entra Julieta, à janela.

Devagar! Que luz é essa que surge na janela?

É o leste, e Julieta é o sol. Surge, belo sol, e mata de inveja a lua, que já está doente e pálida de tristeza, pois tu, seu criado, és mais belo do que ela. Não sejas então criado da lua, posto que ela é invejosa; só os tolos usam sua técnica de vestal, de um verde pálido; joga-a fora. É minha dama; é minha amada! Ah, se elaoubrouse! Ela fala, mas não diz nada. Mas que importa? Seus olhos discursam; vou responder. Quanta novidade, não é a mim que fala; duas das mais belas estrelas do céu, estando ocupadas, pediram para seus olhos brilharem até que voltassem. E se seus olhos estivessem no céu, e as estrelas em seu rosto? O brilho de seu rosto causaria vergonha às estrelas, assim como a luz do dia faz com uma vela. Seus olhos no céu brilharão tão forte que as píxeiras cantariam, crendo que fosse dia. Vê como pouca o rosto nas mãos! Ah, se eu fosse uma lava em suas mãos, se pudesse tocar seu rosto!

JULIETA. Ai de mim!

RÔMEU. Falei. Ah, fala de novo, anjo de luz, estás tão gloriosa esta noite, no alto, como um mensageiro alado diante do espanto dos mortais que caem de costas para observá-la, quando monta as nuvens vagarosas, voando pelo ar.

JULIETA. Ah, Romeu, Romeu! Por que te chamam Romeu? Renega teu pai, recusa teu nome; ou, se não quisesse, jura teu amor, e não mais serás uma Capuleto.

RÔMEU. *(À parte)* Continuo ouvindo ou falo com ela?

JULIETA. Meu inimigo é apenas teu nome; tu és tu mesmo, e não um Montíquo. O que é um Montíquo? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem parte

alguma de homens. Ah, chama-te outro nome! O que há em um nome? O que chamamos de rosa, com outro nome, teria o mesmo doce perfume; também, Romeu, se não se chamasse Romeu, seria igualmente perfeito, sem este nome. Romeu, troca teu nome; e em lugar dele, que não é parte tua, fica consigo inteiro.

ROMÉU. Fico com tua palavra; chama-me apenas de amor e já estou rebatizado. De agora em diante, não serei mais Romeu.

JULIETA. Quem é esse homem que, escondero pela noite, tropeça em meu segredo?

ROMÉU. Com um nome não sei dizer quem sou: odeio meu nome, é anjo, porque é inimigo do teu. Tira-me eu meu nome escrito, e agora mesmo o rasgaria.

JULIETA. Meus cuidados ainda não bebem com palavras de tua voz, mas já o reconheço: não és Romeu, um dos Montécutes?

ROMÉU. Nem um, nem outro, belo anjo, se isto te desagrada.

JULIETA. Como chegaste aqui, dize-me, e por onde? Os muros do jardim são altos e difícil de escalar; este lugar é a morte, considerando quem és, se algum parente teu te encontrar aqui.

ROMÉU. Com a tua leve do amor sobrevenci os muros, pois sem pedras podem barrá-lo; e o que o amor pode, o amor usa. Portanto, teus parentes não são obstáculo para mim.

JULIETA. Se te pegam aqui, não matar-te.

ROMÉU. Mas aí, há mais perigo em teus olhos do que em vinte espadas; olha-me com doçura e estarei protegido de meus inimigos.

JULIETA. Por nada deste mundo gostaria que te vissem aqui.

ROMÉU. Tenho uma capa para me ocultar delas; mas, se não me amas, deixa que me vejam aqui. Melhor perder a vida nas mãos deste ódio, do que permitir a morte, à espera de teu amor.

JULIETA. Quem te orientou, para chegar aqui?

ROMÉU. O amor, que me dispôs a procurar; deu-me conselhos e eu lhe emprestei meus olhos. Não sou piloto; mas se morasse longe como aquela vasta costa banhada pelo mar distante, eu me aventuraria em busca de tal prêmio.

JULIETA. Sabes que a escuridão da noite esconde meu rosto, sendo notarias o rubor em minhas faces, pelo que me ouviste dizer esta noite... Quisera eu retratar-me do que disse; mas chega de cerimônias! Tu me amas? Sei que isto dizer que não, e acreditarei em tuas palavras; mas, se juras, podes jurar em falso; e dizem que Júpiter ri das perjuras de amor. Ah, gentil Romeu, se me amas, diz com fé. Ou, se achas que sou fácil, fecharei o rosto, serei não e direi não, para que me cortejes novamente; sendo, por nada deste mundo. Na verdade, heio Montéquio, estou apaixonada; e por isso podes achar meu comportamento leviano; mas acredita em mim, cavalheiro, vou provar que sou mais sincera do que quem tem a astúcia de se mostrar esquivo. Eu deveria ser mais esquila, confessa, mas ouviste, sem que eu percorresse, minhas declarações de amor verdadeiro. Então, me perdoo, e não atribuas à levandade do amor esta frequência que a escuridão da noite revelou.

ROMÉU. Senhorita, juro por esta lua sagrada, que derrama a prata na copa das árvores...

JULIETA. Oh, não jures pela lua, a lua inconstante, que todo mês altera sua órbita, a não ser que teu amor seja também inconstante.

ROMÉU. Por que razão devo jurar?

[JULIETA. Não jures por nada; ou se quizeres, jura por tua nobreza, jura por ti, que és o deus de minha idolatria, e eu acreditarei em ti.]

[ROMÉU. Se o amor que frago no coração...]

[JULIETA. Não jures. Embora esteja contente, não me contenta uma aliança esta noite: precipitada, imprevista, súbita; tal qual um raio, que some antes que alguém possa dizer "um raio". Boa noite, querido! Este busto, que é nosso amor, no arcaão do verão pode amadurecer e se revelar uma flor ainda mais bela, em nosso próximo encontro. Boa noite, boa noite! Que o repouso e o descanso que sinto em meu peito entrem docemente em teu coração!]

[ROMÉU. Ah, vais me deixar assim, insatisfeito?]

[JULIETA. Que satisfação podes ter esta noite?]

[ROMÉU. A de trocar tuas juras de amor pelas minhas.]

[JULIETA. Dei-te as minhas antes que me pedisses; mas preferia ainda ter que dá-las.]

[ROMÉU. Quer retirá-las? É por quê, amor?]

[JULIETA. Apenas para ser generosa e dá-las novamente. Mas não quero mais nada, além do que tenho. Meus limites são os limites do mar, e meu amor igualmente profundo: quanto mais dou, mais tenho, pois ambos são infinitos.]

[*(A Ana chama de dentro.)*]

[*(Ouve uma voz aqui dentro. Meu amor, adeus! Já vou, boa noite! Doce Montéquio, ah! Fui. Fica mais um pouco, já volto. (Entra.)*]

ROMÉU. Oh, abençoada noite, abençoada! Temo apenas que, sendo noite, tudo não passe de um sonho, doce e ilusório demais para ser verdade.

Julietta volta, acima.

JULIETA. Três palavras, amado Romeu, e boa noite realmente. Se teu pendor de amor for sincero, tua proposta de casamento, manda notícias amanhã, por alguém que vou despachar, dizendo onde e quando será nossa cerimônia; e podrei a teu pé toda minha ventura, e te seguirei, meu senhor, por todo o mundo.

AMA. *(De dentro.)* Madame!

JULIETA. Já estava indo. Mas se não for essa tua intenção, eu te peço...

AMA. *(De dentro.)* Madame!

JULIETA. Já vou, agora mesmo. Que não insistas e me deixes com minha dor. Amanhã envio alguém.

ROMÉU. Por minha alma...

JULIETA. Mil vezes boa noite! *(Desce.)*

ROMÉU. Mil vezes pior, sem tua luz. O amor vai ao encontro do amor como o estudante foge da escola; mas o amor se distancia do amor com o pesar de quem vai à escola.

Julietta volta à janela.

JULIETA. *Sólo Romeu, sólo!* Oh, quem me dera ter a voz do falcoeiro, quando chama seu falcão! A escravidão é rouca e não pode falar alto. Senão, eu invadiria a caverna onde Eco mora e o faria ficar rouco de tanto repetir o nome de meu Romeu, Romeu!

ROMÉU. É minha alma quem chama meu nome. Que doce som de prata faz a língua dos amantes à noite, como a música mais doce para corvidos atrechos!

JULIETA. Romeu!

ROMÉU. Querida?

JULIETA. A que horas devo enviar alguém, amanhã?

ROMÉU. Às nove horas.

JULIETA. Sem falta, já se passaram vinte anos. Esqueci por que te chamei de volta.

ROMÉU. Fico aqui até que lembres o motivo.

JULIETA. Assim vou continuar esquecida, para que fiques parado, enquanto me lembres de como amo tua companhia.

ROMÉU. E eu ficarei aqui, para ver-te parada e esquecida, esquecendo-me de qualquer outra casa que não seja esta.

JULIETA. É quase de manhã. Gostaria que partisses; mas que não fosses mais longe do que o pensar de uma menina mimada, que o deixa voar das mãos como um pobre prisioneiro atado por um anel a um fio de seda, e que o puna de volta para si, com inveja amorosa de sua liberdade.

ROMÉU. Queria eu ser teu pensamento.

JULIETA. Doce, eu também queria isto. Mas poderia matar-te, com tanto carinho. Boa noite, boa noite! Tão doce é a tristeza da despedida que eu poderia dizer boa noite até chegar a manhã. [Sai]

ROMÉU. Que o sono repouse sobre teus olhos e a paz em teu colo! Faize eu o sono e a paz para tão doce repouso! Vou já procurar o frade, pedir sua ajuda e contar o que me aconteceu. (Jai.)

Cena III. Aposentos de frei Lourenço

Entra o Frei Lourenço com um cesto.

FRADE. A manhã de olhos cinzas sorri para a noite serena,
Marcando as varras do leito com raios de luz;
A escuridão manchada pela como um bêbado
na verde do dia e nas rodas de fogo de Titi

Agora, antes que o sol avance seu olho flamejante
Para alegar o dia e aciar o orvalho desido da noite
Tenho que rir este cesto de vime
Com ervas daninhas e flores de sumo precioso.
A terra, mãe da natureza, é a tumba da natureza
E a cura onde está enterrada é seu útero
E em seu útero, filhos de toda sorte
Encontramos, quando exploramos seu ventre;
Muitas, com muitas virtudes excelentes
Algumas, com poucas e, no entanto, todas diferentes
Abundante é a graça poderosa que jaz
Nas plantas, ervas, pedras, assim como suas qualidades;
Pois nada é tão vil que na terra viva
E que à terra algo de bom não ofereça
Nem tão bom que, desviado de seu uso
Não erreque suas virtudes, caindo assim em abuso.
A própria virtude torna-se um vício, quando mal aplicada,
E os vícios às vezes são dignificados pelo uso.
Dentro da nascente pétala desta pequena flor

Mora o veneno e a cura medicinal;
Fais tua fragrância tem a poder de alegrar;
Mas seu gosto falstina os sentidos e o coração.
Dois reis tão opostos convivem
No homem, assim como nas ervas – a graça e a asperosa
E onde predomine o pior traço,
Logo um câncer de morte devora a planta.

Entre Romanos.

ROMÉU. Bom dia, irmão!

FRADE. Bendito! Que língua matutina tão doce me saúda?
Meu filho, é preciso uma cabeça destemperada
Para dar tão cedo bom dia à cama.
A prudência fica de guarda no olho do homem velho
E onde mora a prudência, o sono não chega nunca;
Mas onde a juventude virgem, com seu cérebro vazio
Deita seu corpo, reina ali um sono de ouro.
Portanto, tua prontidão me assegura
De que acordaste perturbado.
Se não for isto, então adivinho,
Romanos não foi para a cama hoje.

ROMÉU. Essa é a verdade; meu descanso foi mais doce.

FRADE. Deus te perdoe os pecados! Estavas com Rosalina?

ROMÉU. Com Rosalina, meu bom irmão? Não; esqueci esse nome e a dor desse nome.

FRADE. Muito bem, rapaz; onde estavas, então?

ROMÉU. Vou dizer antes que me perguntes de novo. Estava festejando com meu inimigo quando, de repente, alguém me atingiu e foi por mim atingido; a cura de ambos depende de tua ajuda e santa clemência. Não guardo ódio, santo homem, pois tua ajuda beneficia também meu inimigo.

FRADE. Se direito, meu bom filho, é claro, em tua desgraça;
Confissões enigmáticas levam a conselhos enigmáticos.

ROMÉU. Saiba, sem rodeios, que meu coração pertence à bela filha do rico Capuleto. Assim como meu coração é dela, o dela é meu; e está tudo resolvido, salvo o que será resolvido por ti, pelo matrimônio sagrado. Quando, onde e como nos conhecermos, nos cortejamos e nos declaramos, vou contar-te com o tempo; mas isto eu peço, que consentas em nos casar ainda hoje.

FRADE. Meu São Francisco, que mudança! Já esquecerste Rosalinde, a quem tanto amavas? O amor dos jovens, então, não mora de fato no coração, mas nos olhos. Jesus Maria, quanto água salgada lavau teu rosto pálido nas lágrimas que choraste por Rosalinde! Quanto sal desperdiçado em isto, num amor de estação, que não chegou a ser provado! O sol ainda não queimou na pele os teus suspiros, teus antigos gemidos ainda soam em meus velhos ouvidos; e teu rosto ainda está manchado com uma lágrima não lavada. Se uma vez na vida foste tu mesmo com tuas tristezas, tu e tuas tristezas foram todos por Rosalinde. E agora mudas? Repete então esta frase: não se pode esperar fidelidade das mulheres, sendo as humanas tão fracas.

ROMÉU. Mas tantas vezes me censuraste por amar Rosalinde.

FRADE. Por amá-la, mas não por amá-la, meu pupilo.

ROMÉU. E me aconselhaste a eternar esse amor.

FRADE. Não em cova onde se enterra um, para enterrar outro.

ROMEU. Por favor, não me repreendas; este amor responde com ternura à minha ternura e com amor à meu amor. Com o outro, não era assim.

FRADE. Ah, ela sabia bem que teu amor recitava palavras decoradas que não saberias soletrar. Mas vem, meu jovem volúvel, vem, porque em algo posso te ajudar; essa aliança pode ser tão feliz, a ponto de transformar em amor o rancor das duas famílias.

ROMEU. Vamos, então; tenho pressa.

FRADE. Sábua e lentamente; quem corre demais, tropeça. *[Saem.]*

Cena IV. Uma rua

Entram Benvílio e Mercúcio.

MERCÚCIO. Onde diabos se meteu Romeu? Não voltou para casa esta noite?

BENVÍLIO. Não para a casa do pai; falei com o criado dele.

MERCÚCIO. Aquela moça de coração duro, a Rosalina, tanto o atormenta que ele vai enlouquecer.

BENVÍLIO. Tebaldo, o parente do velho Capuleta, escreveu ao pai de Romeu.

MERCÚCIO. Aposto que se trata de um duelo.

BENVÍLIO. E quem vai responder é Romeu.

MERCÚCIO. Qualquer homem que saiba escrever pode responder a uma carta.

BENVÍLIO. Não, vai responder ao autor da carta, uma casadia contra uma provocação.

MERCÚCIO. Infelizmente, o pobre Romeu já está morto: apunhalado pelas oitavas negras de uma moça branca; os ossidos trespassados por uma canção de amor; o coração partido ao meio pela flecha do arqueiro cego. E ele é homem para enfrentar Tebaldo?

SENVÓLIO. Por quê, e que é que tem Tebaldo?

MERCÚCIO. Ele é muito mais do que o Príncipe dos Gatos. É um profundo conhecedor dos salamaqueiros. Luta como lê uma partitura, domina o tempo, as distâncias e o equilíbrio; descansa nas semínimas, um, dois e a terceira no peito, acerta um botão na mosca, é um duelista, um cavaleiro de primeira linha, de todas as causas. Ah, o golpe a fundo! O ponto reverso! O trespás!

SENVÓLIO. O quê?

MERCÚCIO. Essa epidemia de exotismos bizarros, céticos e patéticos; inventadores de antiquais – Cristo, que linhas bon! Que cavaleiro distinto! Um belo ralido! Não é lamentável, senhor, termos que suportar essas moças fantasmas, essas inventadoras de moda, afetadas, tão preocupadas com a última moda que não conseguem se sentir num velho hanco? Com umas ah, bon, ah, bon!

Entra Romeu.

SENVÓLIO. Al vem Romeu, al vem Romeu.

MERCÚCIO. Vem sem os ossos, e feito um aveique seco. Oh, carne, carne, como te torneaste um preso! Agora, está entregue a essas poeiras de Petrarca; Laura, comparada com seu amor, não passa de um criada de cozinha – mas tinha um porta melhor para cantá-la; a rainha Dido, uma sem-graça; Clópatra, uma cigana; Helena e Hero, promiscuas e subalternas; Tíbe, um alcorcho ciano, mas incomparável – senhor Romeu, bon jour! Uma saudação francesa para seu traje francês. O senhor trapaceou, ontem à noite.

ROMÉU. Bom dia aos dois. O que fia eu ontem à noite?

MERCÚCIO. Deu-nos uma pista falsa, senhor, uma pista falsa, não reparas?

ROMÉU. Perdi-la, bom Mercúcio; eu tinha um compromisso importante e, nesse caso, um homem pode deixar de lado as boas maneiras.

MERCÚCIO. Equivale a dizer que, neste caso, um homem pode entregar-se de corpo inteiro a um compromisso...

ROMÉU. Tudo pelas boas maneiras.

MERCÚCIO. Chegaste ao ponto.

ROMÉU. Foste muito elegante em tua consideração.

MERCÚCIO. Sou a fina flor da cortesia.

ROMÉU. Disseste flor, para ser fino.

MERCÚCIO. Certo.

ROMÉU. Mas fina também é a sola do meu sapato.

MERCÚCIO. Muito espirituoso! Segue-me então neste jogo depois que tiver gasto até a alma de tua sola, e quando tiver gasto de teu pé o peito, ponhas no jogo prosseguir, tendo tudo esgotada, de peito e alma.

ROMÉU. Ah, jogos rústicos de sola e pé no esgoto é que se esgotam!

MERCÚCIO. Aparta-nos, bom Benavólio, está-me faltando o espírito.

ROMÉU. Fêz espere em três sapatos, sendo vença eu...

MERCÚCIO. Se isto é uma caça aos patos, estou fora; tem mais de pato em uma de tuas faculdades mentais do que eu em minhas cinco, não tenho dúvidas. Já fui contigo à caça aos patos?

ROMÉU. Se não foste comigo, não haveria patos para eu caçar.

MERCÚCIO. Por esta, vou te morder a orelha.

ROMÉU. Não, meu bom pato, não mordas.

MERCÚCIO. Tu humor está um fruto bem amargo, com um quê de molho picante.

ROMÉU. E não vai bem, com um doce pato?

MERCÚCIO. Ah, isto é que humor de peixe, que estica de um dedo a um braço e tanto!

ROMÉU. É que estico um outro tanto, que somado à palavra pato, prova que és um pato e tanto.

MERCÚCIO. Não é melhor isto do que sofrer por amor? Agora sim, estás sociável, agora és humero; agora és o que és por natureza e arte; essa bobagem de amor é como um bafio que se agita para cima e para baixo só para enfiar o cetro em algum buraco.

BENVÓLIO. Chega, chega.

MERCÚCIO. Pedra-me que pare justo na introdução.

BENVÓLIO. Preferias alongar-te neste argumento?

Entram a Ama e Pedro.

MERCÚCIO. Ai é que te enganaz: preferia encurtar; pois gozei o privilégio de chegar ao limago do argumento e não pretendo, de fato, ocupar mais espaço do que já ocupei.

Entram a Ama e Pedro.

ROMÉU. Eis um belo vestido!

Entram a Ama e Pedro.

Entram a Ama e Pedro.

Entram a Ama e Pedro.

MERCÚCIO. Uma vela, uma vela!

Entram a Ama e Pedro.

BENVÓLIO. Duas, duas; uma camisola e um camisolão.

Entram a Ama e Pedro.

AMA. Pedro!

Entram a Ama e Pedro.

PEDRO. Sim.

Entram a Ama e Pedro.

AMA. Meu leque, Pedro.

Entram a Ama e Pedro.

MERCÚCIO. Para esconder o rosto, bom Pedro; pois o leque é mais bonito.

AMA. Deus vos conceda um bom dia, cavalheiros.

MERCÚCIO. Deus vos conceda uma boa tarde, bela senhora.

Entram a Ama e Pedro.

AMA. Já é tarde?

MERCÚCIO. Nada menos; a sombra do relógio já lambou o pinó-da-meio-dia.

Entram a Ama e Pedro.

AMA. Que vergonha! Quem é o senhor?

ROMÉU. Alguém, minha senhora, que Deus criou para depois estragar.

AMA. Por minha fita, tem razão. "Crisou para depois estragar", disse bem! Cavaleiros, alguém pode me dizer onde encontro o jovem Romeu?

ROMEU. Eu posso, mas o jovem Romeu já estará mais velho do que quando saía para procurá-lo. Eu sou o mais jovem com este nome, por falta de um pior.

AMA. Muito bem.

MERCÚCIO. Ah, um pior está bem? Muito bem, mesmo: sábio, sábio.

AMA. Se o senhor é Romeu, gostaria de uma referência em particular.

BENVÓLIO. Vai revistá-lo para algum jantar.

MERCÚCIO. Uma lebre, uma lebre, um, dois, três, lebre!

ROMEU. Achou alguma coisa?

MERCÚCIO. Cato por lebre, senhor. Na Quaresma, um caldo de lebre até que é um bom prato, se a lebre não estiver molhada.

(Ele anda em torno deles e conta.)

Um bom caldo de lebre

É lebre que dá um bom caldo

Ah, na Quaresma eu me esbaldo

Mas chega a me dar lebre

Quando essa lebre escaudada

Chega no prato molhada

Romeu, vai à casa de teu pai? Nós vamos jantar lá.

ROMÉU. Vou em seguida.

MERCÚCIO. Adeus, anfitri; adeus. (Canta.) "Dama, dama, dama."

(Saem Mercúcio e Benedito.)

AMA. Quem é esse traste impertinente que tanto se gaba de sua grosseria?

ROMÉU. Um cavalheiro, ama, que adora escutar a si próprio, e que fala mais em um minuto do que seria capaz de fazer em um mês.

AMA. Se ele disser alguma coisa contra mim, acabo com ele, nem que ele fosse mais forte, e vinte vezes mais homem; e, se eu não puder, encontro quem possa. Saúdo! Não sou uma das suas vagabundas; nem um de seus amigos. E tu ficas aí, parado, só vendo o talado abusar de mim, a seu bel prazer?

PEDRO. Não vi ninguém abusar da senhora, a seu bel prazer; se tivesse visto, juro que teria sacado minha espada. Furo-a tão depressa como qualquer cavalheiro, numa boa briga, quando a lei está do meu lado.

AMA. Ah, meu Deus, fiquei tão irritada que meu corpo está tremendo todo. Saúdo! Por favor, senhor uma palavrinha; como disse, minha senhora quer falar com o senhor; o recado, quando em segredo consigo. Mas olhe, se pretende passar-lhe a perna, como se diz por aí, seria um proceder grosseiro, como se diz, também; pois a moça é jovem, e é uma maldade enganar qualquer senhorita, é um tratamento muito inadequado.

ROMÉU. Ama, dá recomendações à tua dama e senhora. E eu protesto, quando disse...

AMA. Meu bom homem, prometo, vou dizer a ela. Senhor, senhor! Ela vai ficar muito contente.

ROMÉU. O que é que vai dizer a ela, ama? Não me entendes.

AMA. Vou dizer a ela, senhor, que o senhor protesta; e que, no meu entender, é coisa muito digna de um cavalheiro.

ROMÉU. Pode a ela que dê um jeito de se confessar esta tarde; e lá, nos aposentos do frei Lourenço, ela irá se confessar e iremos nos casar. Isto é para o teu sustento.

AMA. Não, senhor, por favor; nem um centavo.

ROMÉU. Por favor. Aceita.

AMA. Hoje é tarde, senhor? Bem, talvez ela vá.

ROMÉU. E tu, boa ama, recorde-te atrás do muro da abadia, meu criado vai te juntar-se a ti. E trar uma escada de corda; será minha estrada para o ápice da minha felicidade, no meio da noite. Adeus; sé fiel, e eu te ajudarei. Adeus; recomendações à tua senhora.

AMA. Ah, Deus o abençoe! - Escute, senhor.

ROMÉU. Sim, minha ama?

AMA. Seu criado sabe guardar segredo? Nunca ouvi o ditado, dois homens são capazes de guardar segredo, se afastarmos um deles?

ROMÉU. Garanto que meu criado é fiel como um cão.

AMA. Está bem, senhor. Minha senhora é muito doce... Senhor, senhor! Quando era bem pequeninita e tagarela, uma vez... ah! Há um nobre na cidade, de nome Páris, que, com prazer, a colaria; mas ela, boa alma, prefere ver um sapo, um sapo mesmo, a olhar para ele. E lá vezes se irrita quando digo que esse Páris

poderia ser marido dela; mas eu lhe garanto, quando digo isso, ela fica pálida feito cera. Rosamundo e Romeu não começam com a mesma letra?

ROMEU. Sim, ama. Mas, o que é que tem? Ambos começam com R.

AMÁ. Ah, que graça! "R" é a letra do cachorro. Por causa do... não, eu sei que cachorro começa com outra letra. É que ela tem o maior aprego pelo senhor e por rosamundo, e eu imaginei que o senhor iria gostar de saber disto.

ROMEU. Já recomendações à tua senhora.

AMÁ. Ah, não venha. Pedro!

PEDRO. Estou aqui.

AMÁ. (Entregando-lhe o laço.) Em frente, e rápido. (Saem.)

Cena V. Jardim das Capuletos

Entre Julietta.

JULIETA. O relógio marcava nove horas quando despachei minha ama, e em meia hora ela prometia voltar. Talvez não a tenha encontrado... não. Ah, ela é lenta! Os embaraços do amor deviam ser os pensamentos, que voam dez vezes mais rápido do que os raios de sol dissipando as sombras das colinas encobertas. Assim fazem as pombas de Vênus quando buscam o amor. E por isso o Cupido, rápido como o vento, tem asas. O sol em sua jornada já paira sobre as colinas mais altas; e das nove às doze já se passaram três longas horas, mas ela ainda não voltou. Se tivesse a paixão e o afeto da juventude, seria rápida como uma arca; minhas palavrasiriam despachá-la feito um raio até meu amado, e ele até mim. Mas os velhos, muitos fingem-se de mortos; não desajetados, lentos, pesados e pálidos como drubas.

Entram a Ana e Pedro.

AN, meu Deus, ela voltou! AN, querida ana, quais são as novidades? Estiveres com ele? Dispensa teu criado.

AMA, Pedro, vai para fora. *[Entra Pedro.]*

[JULIETA. Agora, boa e doce ana... Ah, meu Deus, por que estás tão triste? Se trazes más notícias, conta-as alegremente; se são boas, estinga-lhes a melodia contando-as com expressão tão amarga.

AMA, Estou exausta, desculpe; aí, como me doem as pernas! Que correria!

[JULIETA. Preferia que tivesses minhas pernas e eu, tuas novidades. Vem cá, fala; boa, boa ana, fala.

AMA, Jesus, por que tanta pressa? Não pode esperar um pouco? Não vê que estou sem fôlego?

[JULIETA. Como, estás sem fôlego se tens fôlego para dizer que estás sem fôlego? As desculpas que me dexas pelo atraso não mais longas do que a história que tens para contar. As notícias são boas ou más? Diz-me apenas isto; diz-me com detalhes. Mata minha curiosidade, são boas ou más?

AMA, Bem, a senhorita fez uma escolha tola; não sabe escolher um homem. Rameal! Não, ele não; apesar o rosto, que é o mais bonito que já vi, as pernas são lindas, também; e, as mãos, os pés, o corpo, ainda que eu não tenha muito o que dizer, são incomparáveis. Não é uma flor de cortesia, mas é gentil como um cordeiro. Siga seu caminho, mulher; faça a vontade de Deus. *[Juntos em casa.]*

[JULIETA. Não, não. Mas tudo isso eu já sei. O que ele disse do nosso casamento? O quê?

AMA. Senhor, como dói minha cabeça! Ai, minha cabeça! Lateja como se fosse explodir em mil pedaços. E minhas costas, como doem... ai, minhas costas, minhas costas! Maldito seja seu coração por ter me enviado em direção à morte, correndo de lá para cá!

JULIETA. Sinto muito que não esteja bem, Java. Minha doce, doce, doce ama, conta-me, o que disse o meu amor?

AMA. Seu amor fala como um cavalheiro sincero, cortês, gentil e bonito, e eu lhe garanto, virtuoso. Onde está sua mãe?

JULIETA. Onde está minha mãe! Ora, está lá dentro, onde mais deveria estar! Que pergunta estranha, a tua! Seu amor fala como um cavalheiro sincero, onde está sua mãe?

AMA. Ai, minha Nossa Senhora! Como a senhorita está agitada. Chega mais perto. É assim que retribuís os mimos que me doam? De agora diante, seja a senhorita sua própria menageira.

JULIETA. Quanto drama! Vamos, o que disse Ramon?

AMA. A senhorita tem que se confessar hoje?

JULIETA. Tenho.

AMA. Então corra até os aposentos do Frei Lourenço; lá encontrará um marido que lhe fará esposa. Olha o sangue atrevido, em seu rosto; agora, fica assim corada com qualquer notícia. Corra para a igreja. Eu tenho que ir em outra direção, para pegar uma escada, com a qual seu amor subirá até um ninho de piosetas, quando anoitecer. Eu sou um burro de carga que trabalha para o seu prazer; mas a senhorita logo vai assumir este fardo, esta noite. Vá. Eu vou jantar; corra para o FRADE.

JULIETA. Para minha felicidade! Boa noite, adeus. *(Saiem.)*

Cena VI. Aposentas de frei Laureço

Entram o Frei Laureço e Romeu.

FRADÊ. Que os olhos sorriam para este ato sagrado, e não nos repreendam com tristeza, depois.

ROMEU. Amém, amém! Venha a tristeza que vier, não será suficiente para apagar a alegria que é vê-la por um só instante. Apenas junta nossas mãos com palavras sagradas, e que a morte, sacie-se do amor, faça o que bem entender; para mim, basta que ela seja minha.

FRADÊ. Prazeres violentos têm desfechos violentos, e morrem quando triunfam; como o fogo e a pólvora, que num beijo se consomem. O mel mais doce torna-se enjoativo por sua própria delícia. E seu gosto confunde o apetite. Portanto, ama moderadamente: amores que amam assim, duram; quem corre demais se atraiu tanto quanto quem se arrasta.

Entra Julieta.

Ai vem a aranhota. Pés azuis ligeiros não gostam jamais as pedras do chão. Um amante pode caminhar sobre uma teia de aranha que flutua na brisa caprichosa da verde sem risco de cair, tão leve são os prazeres mundanos.

JULIETA. Boa noite, meu confessor espiritual.

FRADÊ. Romeu te agradecerá por nós dois, minha filha.

JULIETA. E eu a ele, sem o quê sua gratidão seria inverteida.

ROMÉU. Ah, Julieta, se tua felicidade for grande como a minha, e teu talento maior que o meu para expressá-la, então adoja o ar com teu hálito, e deixa que a melodia de tua voz revele a alegria que a ambos invade neste encontro tão esperada.

JULIETA. O sentimento, mais rico em matéria do que em palavras, vive da substância, e não do ornamento. Mendigos são aqueles que podem contar suas riquezas. Meu amor sincero cresce a tal ponto que eu não saberia avaliar a metade de minha fortuna.

FRADE. Venham, venham comigo, e vamos fazer uma cerimônia breve; pois é melhor que não fiquem acanhados até que a Santa Igreja faça dos dois, um. (Jáem.)

TERCEIRO ATO

Cena I. Um lugar público

Entram Mercúcio, Benvílio, Pájen e Criados.

BENVÍLIO. Por favor, bom Mercúcio, vamos embora. O dia está quente, os Capuletos estão por aí, e se os encontrarmos, vai haver confusão; nesses dias quentes, o sangue ferve.

MERCÚCIO. Tu és um desses que, ao entrar numa taverna, põem a espada sobre a mesa e dizem "Queira Deus que eu não precise de ti!", mas já no segundo copo, apontam a espada para o criado de servir quando, na verdade, não há a menor necessidade disso.

BENVÍLIO. Eu sou amigo?

MERCÚCIO. Vamos, como todo italiano tu és esquentado; e tão depressa te alteras e te irritas, como te irritas e te alteras.

BENVÍLIO. E o que mais?

MERCÚCIO. Nada, mas se houvesse dois iguais a ti, logo haveria apenas um, pois um matava o outro. Tu? Tu brigarias com alguém que tivesse um fio a mais ou a menos no bigode. Brigarias se alguém quebrasse nozes, só porque tens olhos não de amêndoas. Quem mais brigaria por isso? Em tua cabeça mora a encresnca, como a gema num ovo; isto porque, brigando, já quebraste a cabeça feito um ovo. Já brigaste porque um homem tocou, acordando um cachorro que dormia ao sol. Não brigaste também com um alfaiate porque ele usava um colete novo antes da Páscoa? E com outro que amarras os sapatos novos com cadarço velho? E agora vem falar de evitar briga!

BENVÓLIO. Se eu fosse tão cretencoso como tu, daria minha vida de papel passado ao primeiro que me assegurasse uma hora e meia de vida.

MERCÚCIO. Papel passado? Passado?

Entram Tebaldo e outros.

BENVÓLIO. Por minha cabeça, aí vêm os Capuletos.

MERCÚCIO. Por meus pés, não estes nem aí.

TEBALDO. Vem contigo, vou falar com eles. Cavalheiros, bom dia; uma palavrinha com um de vós.

MERCÚCIO. Só uma palavrinha, e com um de nós? Peço um pouco mais; uma palavra e um tapa.

TEBALDO. Deves me achar capaz disso, senhor, e um dia me darás a ocasião.

MERCÚCIO. Por que não fazes a ocasião, em vez de esperar?

TEBALDO. Mercúcio, vens das bandas de Roma.

MERCÚCIO. Das bandas? Então somos menestrelas? Se somos menestrelas, não expões de nós sendo dissonâncias. Eis meu arco; isto aqui vai te fazer dançar. Menestrela, meu Deus!

BENVÓLIO. Estamos em praça pública; ou lutamos em lugar privado, ou nos acalmamos, ou vai cada um para o seu lado; aqui estamos sendo vistos.

MERCÚCIO. Olhos foram feitos para olhar, deites que olhos; eu não saio daqui para agradar ninguém.

Entre Romeu.

TERALDO. A paz esteja convosco. Já vem meu homem.

MERCÚCIO. Que me reforquem, senhor, se ele vestir tua camisa. Vamos até o bosque, ele virá também; assim V. Senhoria poderá chamá-lo de "homem".

TERALDO. Romeu, o amor que sinto por ti não encontra outro termo sendo este: canaíha.

ROMEU. Teraldo, a razão por que devo te amar perdos a raiva contida em tua asneação. Canaíha não sou; portanto, adeus; vejo que não me conheces.

TERALDO. Rapaz, isto não perdus as injúrias que me fizestes; então, viva-te e vai embora.

ROMEU. Protesto, nunca te injurei. Mas amo-te mais do que poder imaginar enquanto não souberes o motivo do meu amor; portanto, bom Capuleto - nome que repelle tanto quanto o meu - adeus.

MERCÚCIO. Mas que submissão mais desonrosa e vil! Aíla storcata. (Desenchaíha.) Teraldo, caçador de ratos, vamos dar uma voltinha?

TERALDO. Queres o quê de mim?

MERCÚCIO. Nada, meu bom Rei dos Gatos, além de uma de tuas sete vidas; que tomarei a liberdade de tirar, para depois acabar com as outras seis, dependendo de como me tratares. Vais sacar a espada? Depressa, então, antes que eu te arranque as orelhas.

TERALDO. Sou todo teu. (Desenchaíha.)

ROMEU. Gentil Mercúcio, guarda tua espada.

MERCÚCIO. Vamos, senhor, teu passado. (Latam.)

ROMEO. Saca a espada, Benvílio; vamos derrotá-los. Cavalheiros, que vergonha, não lutem! Tebaldo! Mercúcio! O Príncipe proibiu confusão nas ruas de Verona. Para, Tebaldo! Bem Mercúcio!

(Tebaldo atinge Mercúcio por baixo do braço de Romeo e foge com seus amigos.)

MERCÚCIO. Estou ferido. Que a peste caia sobre as duas famílias! Estou acabado. Ele foi embora e sem sofrer nenhum golpe?

BENVÍLIO. Está ferido?

MERCÚCIO. Estou, sim, um arranhão, um arranhão; chega. Cadê meu criado? Vai, sua besta, vai chamar um cirurgião. (O criado sai.)

ROMEO. Coragem, homem; o ferimento não pode ser tão grave.

MERCÚCIO. Não, não é tão fundo como um poço, nem tão largo como uma porta de igreja, mas é o suficiente. Pergantem por mim amanhã, e estarão enterrado. Estou feito, acabei-me pra este mundo. Maldições sejam as duas casas! Ah, um cão, uma ratonana, um rato, um gato atinge um homem desse jeito! Um fuderrão, um canalha, um bandido, que luta por cálculo! Por que diabos ficaste entre nós? Ele me feriu por baixo do teu braço.

ROMEO. Tive a melhor das intenções.

MERCÚCIO. Leva-me para alguma casa, Benvílio, antes vou desmatar. Que a peste caia em suas casas! Virei pasta de vermes. Agora, eu vou... as duas casas! (Joram Mercúcio e Benvílio.)

ROMÉU. Este homem, aliado do Príncipe, meu amigo, foi ferido de morte por minha causa; minha reputação está manchada pelo insulto de Tebaldo - o mesmo Tebaldo que há uma hora se tornou meu primo. Ah, doce Julieta, tua beleza me tornou delicado, amolecou a óspera da minha coragem!

Benvólio volta.

BENVÓLIO. Romeu, Romeu, o bravo Mercúcio está morto! Aquela espírito cortês, que prematuramente tombou da terra, sobe aos céus.

ROMÉU. O destino sombrio deste dia paira sobre os dias por vir; e isto é apenas o início da desgraça que no futuro deve-se cumprir.

Tebaldo volta.

BENVÓLIO. Ai vem o Tebaldo, e furioso contra mim.

ROMÉU. Viro e triunfante, e Mercúcio morto! Voltem para o céu o respeito e a gentileza, e que os olhos da fúria agora sejam meu guia! Tebaldo, toma de volta o "casaca" que me deste há pouco; pois a alma de Mercúcio paira sobre nossas cabeças, chamando a tua para lhe fazer companhia. Um de nós, agora, irá com ele.

TEBALDO. Tu, desgraçado, que andavas com ele, agora segue com ele até lá.

ROMÉU. Isto é quem vai decidir.

(Latam: Tebaldo vai.)

BENVÓLIO. Vai, Romeu, vai embora. Os cidadãos estão chegando e Tebaldo está morto. Chega de paçoço, corre. Se te pegarem, o Príncipe vai te condenar à morte. Vai embora, vai!

ROMÉU. Ah, virei jaguete do destino!

Entram Montéquio, Capuleto, seus esposos e todos.
BENVÓLIO. Está esperando o quê?

[São Romanos. Entram cidadãos.]

PRIMEIRO CIDADÃO. Para onde foi quem matou Mercúcio? Para onde correu Tebaldo, aquele assassino?

BENVÓLIO. Tebaldo está ali.

PRIMEIRO CIDADÃO. Levanta, senhor, vem comigo; em nome do Príncipe, obedeces.

Entra o Príncipe, acompanhado; Montéquio, Capuleto, seus esposos e todos.

PRÍNCIPE. Onde estão os canalhas que começaram essa briga?

BENVÓLIO. Príncipe, eu posso contar como começou esta briga, infeliz e fatal: ali está o homem morto pelo jovem Romanos, e que matou seu parente, o bravo MERCÚCIO.

SENHORA CAPULETO. Tebaldo, meu sobrinho! Ah, o filho do meu irmão! Oh, Príncipe! Oh, meu marido! Oh, derramaram o sangue do meu querido parente! Príncipe, o senhor, que é justo, por nosso sangue derrama o sangue dos Montéquios! Oh, sobrinha, sobrinha!

PRÍNCIPE. Benvólio, quem começou esta luta sangrenta?

BENVÓLIO. Tebaldo, que aqui jaz, morto por Romanos; Romanos falou-lhe calmamente, pedindo que ponderasse sobre a disputa, e invocou como deusgo. Tudo, gentilmente, com ternura no olhar, os joelhos humildemente dobrados, mas nada disso foi suficiente para apaziguar os caprichos desregrados de Tebaldo, que, surdo aos pedidos de paz, aponta a espada contra o peito do

valente Mercúcio; este, igualmente furioso, detém o golpe com a espada e, com desdém marcial, afasta de uma só mão a morte, e com a outra golpeia Tebaldo, que com destreza rebate o golpe. Romeu grita "Parem, amigos! Amigos, apartem-se!" e, mais ágrá do que sua língua, seus braços detêm os golpes fatais, e ele corre para o meio dos dois, mas um golpe malicioso de Tebaldo, por baixo de seu braço, tira a vida do forte Mercúcio; e então, Tebaldo foge. Mas volta até Romeu, que quer vingança, e como um raio voltam a lutar; antes que eu pudesse apartá-los, estava morto o forte Tebaldo; assim que cai, Romeu foge. Esta é a verdade, juro por minha vida.

SRA. CAPULETO. Ele é um parente da Montéquio, o afeto o faz esvair, ele não diz a verdade; brigaram uns vinte nesta luta sangrenta, e só conseguiram tirar uma vida. Clamo por justiça. Príncipe: Romeu matou Tebaldo, Romeu deve morrer.

PRÍNCIPE. Romeu o matou, ele matou MERCÚCIO. Quem vai pagar pelo sangue de Mercúcio?

MONTÉQUIO. Romeu não, Príncipe; ele era amigo de Mercúcio; em seu erro, ele apenas executou o que cabia à lei executar. A vida de TEBALDO.

PRÍNCIPE. Por este crime, imediatamente o condenamos ao cullio. Estou pessoalmente envolvido nesta manifestação de ato de ódio, meu próprio sangue foi derramado nesta selvageria; mas eu os condenarei a pena tão alta que não de se arrepender por minhas perdas. Não ouvírei apelos nem desculpas, nem lágrimas ou orações irão remir tais almas; portanto, não se atrevam. Que Romeu seja executado imediatamente e, se for visto por aqui, será sua última hora. Levem este corpo e aguardem as providências; a clauderota mata quando perdoo assassinos. (Sarem.)

Cena II. Jardim dos Capuletos

Entra Julieta.

JULIETA. Galopem depressa, cavalito de patas de fogo, rumo à morada de Apolo; um cavalito como Faetón já se teria chicotado para o oeste, trazendo num instante a noite rubilada. E tu, noite amorosa, estende tua cortina cerrando as almas aos carismas, para que Romeu saia em meus braços sem que ninguém o veja, nem dele fale. Basta aos amantes a luz da própria belena para que consagrem seus ritos de amor; ou, se o amor é fogo, combina ainda melhor com a noite. Vem, noite severa, senhora de noite sóbria, toda de preto, e ensina-me a perder uma partida ganha por um casal de cestos; cobre meu sangue virgem, acartando meu rosto com teu manto negro, até que o tímido amor, encorajado, veja somente inocência no ato de amar verdadeiro. Vem, noite; vem, Romeu; vem, como o dia na noite; vem deitar nas asas da noite, mais branco do que a neve nas costas de um carne. Vem, noite gentil, vem, noite casta, traz meu Romeu; e quando ele tiver que morrer, leva-o e dispersa-o em pequenas estrelas, e ele deixará o céu tão bonito que o mundo todo irá se apaixonar pela noite e não mais adorará o sol. Ah, comprei a casa do amor, mas dela ainda não tomei posse; e embora tenha sido vendida, ainda não foi possuída. O dia é puro título, como a noite que antecede uma festa, para uma criança que ganhou roupas novas, mas ainda não pôde vesti-las. Ah, aí vem minha ama,

(Entra a Ama com cordas.)

e traz novidades; e a língua que pronuncia o nome de Romeu fala com eloquência divina. Quão são as novidades, ama? O que tens aí? As cordas que Romeu pediu para tocar?

AMA. Sim, sim, as cordas. *(Atira-as no chão.)*

JULIETA. Ai de mim! E as novidades? Por que tocas as mãos assim?

AMA. Ah, meu Deus! Ele está morto, ele está morto, ele está morto. Estamos arruinadas, senhorita, estamos arruinadas. Maldito dia! Ele se foi, foi assassinado, está morto.

JULIETA. Pode o céu ser assim tão invejoso?

AMÁ. Romeu pode, mas o céu, não. Ah, Romeu, Romeu! Quem iria imaginar isso? Romeu!

JULIETA. Que diabo, por que me atormentas assim? Isso é tortura para as almas do inferno. Romeu suicidou-se? Dis apenas "sim", e essa sílaba tua me enseneará mais do que os olhos mortais da serpente basilisco. Deixarei de existir, se a resposta for "sim". Ou se teus olhos fechados significarem "sim". Se ele estiver morto, dis "sim"; senão, dis "não"; sons tão breves determinam minha alegria ou minha tristeza.

AMÁ. Eu vi a ferida, vi com meus próprios olhos... Vi a marca, Deus me perdoe, ali mesma, em seu peito jovem. Um pobre defunto, pobre defunto ensanguentado; pálido, pálido como as cinzas, coberto de sangue, todo ensanguentado. Oramais, quando vi.

JULIETA. Oh, despedaça, meu coração! Pobre, arruinado, despedaça de uma vez! Meus olhos, não para a prisão; nunca mais vejam em liberdade. Terra vil, resigna-te à terra; para teu movimento; e, junto com Romeu, vai para um coma!

AMÁ. Tebaldo, Tebaldo, meu melhor amigo! Ah, o gentil Tebaldo! O cavalheiro gentil! Por que é que vieste para vê-lo morto!

JULIETA. Que tempestade é essa que sopra tão contra a natureza? Romeu foi assassinado e Tebaldo está morto? Meu mais querido primo e meu querido senhor? Que as trombetas anunciem o Juízo Final: quem mais está vivo, se os dois estão mortos?

AMÁ. Tebaldo está morto e Romeu foi enforcado, foi Romeu quem o matou, e foi enforcado.

JULIETA. Ah, meu Deus! As mãos de Romeu derramaram o sangue de Tebaldo?

AMA. Sim, sim; maldito dia, sim!

JULIETA. Oh, coração de serpente em rosto florido! Jamais um dragão viveu em tão bela caverna! Formosa tirano! Monstro angrical! Corvo em penas de pomba! Ovelha voraz como um leão! Substância vil de aparência divina! O perfeito oposto de tudo o que parecia, um santo maldito, um honrado vilão! Ah, natureza, o que foste fazer no inferno, que passaste o espírito de um demônio no paraíso mortal de um corpo tão formoso? Haverá no mundo livro mais vil e tão belamente encapado? Ah, como pode a mentira habitar em tão bela palácio!

AMA. Não há mais confiança, nem fé, nem honestidade a os homens; só mentira, perjúrio, negação e hipocrisia. Ah, cadê meu criado? Deem-me um conhaque. O desgosto, a miséria, a tristeza me envolveram. Que a vergonha caia sobre Romeu!

JULIETA. Que uma praga queime tua língua por pronunciar este desejo! Ele não nasceu para a vergonha: a vergonha se envergonha de posar em seu rosto; pois seu rosto é um trono onde a honra pode ser coroada rainha suprema da Terra. Ah, que idiota fui eu por repreendê-lo!

AMA. Agora fala bem de quem matou seu primo?

JULIETA. E posso falar mal de quem é meu marido? Ah, meu pobre anjo, que língua pode limpar teu nome, se eu, que sou tua mulher há três horas, já o manchei? Mas por que, bandido, mataste meu primo? O bandido do meu primo poderia ter matado meu marido. Voltres, lígrimas tolas, voltem para sua fonte; as gotas, que pagam tributo à tristeza, correm por engano na alegria. Meu marido está vivo, e Tebaldo poderia tê-lo matado; e Tebaldo, que poderia ter assassinado meu marido, está morto. Tudo isso me conforta; então, por que estou chorando? Foi que uma palavra, pior do que a morte de Tebaldo, está me matando; preferia poder esquecer-la. Mas ela volta à minha mente como um crime volta à mente de um culpado: "Tebaldo está morto e Romeu foi exilado". "Exilado", esta ideia

palavra "exilado" matou dei mil Tebaldo. A morte de Tebaldo já seria tristeza suficiente, se tudo terminasse aí; mas, se a amarga tristeza gosta de companhia e precisa vir seguida de outras dores, por que então, depois de "Tebaldo está morto", não disse, teu pai ou tua mãe, também, sim, ou os dois, o que já seria motivo de tristeza? Mas, a morte de Tebaldo seguida de "Romero foi exilado" - isto é o mesmo que dizer que pai, mãe, Tebaldo, Romero, Julieta, foram todos assassinados, estão todos mortos. "Romero foi exilado". Não tem fim, limite, medida, fronteira para a morte nesta fase; nada pode soar com tamanha tristeza. Onde estão meu pai e minha mãe, ama?

AMA. Chorando e olhando sobre o corpo de Tebaldo. Quer vê-los? Eu a acompanho até lá.

JULIETA. Ela lavava as feridas de Tebaldo com suas lágrimas! Quando elas já tiverem secado, as minhas serão derramadas pelo culto de Romero. Pega a corda. Fobes corda, agora inútil, como eu, porque Romero foi exilado; ele se foi para chegar até minha cama, mas eu, uma virgem, morto virgem e viúva. Venham, cordas; vem, ama; vem para meu leito nupcial; e que a morte, e não Romero, possua minha virgindade!

AMA. Corra para o quarto, eu vou encontrar Romero para consolá-la. Acho que sei onde ele está. Escute, seu Romero estará aqui esta noite. Eu o encontrarei; ele está escondido na cela do Frei Lourenço.

JULIETA. Ah, encontra-o! Entrega este anel a meu fiel cavalheiro, e pede-o que venha aqui para um último adeus. *(Jura.)*

Cena III. Apartados de frei Lourenço

Entra o Frei Lourenço.

FRADE. Romero, vem aqui. Vem aqui, moço assustado; a aflição enamorou-se de ti e a desgraça te esposou.

Entre Ruínas.

ROMÉU. Frade, quais são as novidades? Qual é a sentença do Príncipe? Que sofrimentos estão reservados para mim e eu ainda não sei?

FRADE. Meu filho querido, estão bem familiarizado com esta amarga companhia; trago notícias da sentença do Príncipe.

ROMÉU. A punição do Príncipe é algo menos do que o Juízo Final?

FRADE. Uma sentença mais branda escapou-lhe dos lábios - não é a morte, mas o exílio.

ROMÉU. Ah, exílio! Tem misericórdia, fale "morte", pois o exílio para mim é pior do que a morte. Não digas "exílio".

FRADE. Foste banido de Verona. Tem paciência, pois o mundo é grande.

ROMÉU. Não existe mundo além dos muros de Verona, mas o purgatório, a tortura, o próprio inferno. Ser banido daqui é ser banido do mundo, e o exílio do mundo é a morte. Então, "banido" é um eufemismo para morte; chamando a morte de "exílio", cortas minha cabeça com um machado de ouro, e ris sobre o golpe que me mata.

FRADE. Que pecado mortal! Que rude ingratidão! Cometestes um crime que aqui se pune com a morte; mas o príncipe, generoso, tomou teu partido e, pondo de lado a lei, trocou a negra palavra morte pelo exílio. É um ato de misericórdia, e tu não vês.

ROMÉU. Tortura, e não misericórdia; o Paraíso é aqui, onde vive Julieta, e mesmo um gato, um cão ou um rato, qualquer animal miserável vive no Paraíso e pode vê-la; mas Romeu não pode. Até as moscas têm mais consideração, dignidade e

direito do que Romeu. Podem pensar nas belas mãos brancas da minha querida Julieta, e roubar as bênçãos mortais de seus lábios; que, mesmo virgens, coram, tocando um ao outro, como se fosse pecado; mas Romeu não pode – ele foi exilado. Masca podem, mas eu tenho que ir embora daqui: elas não como homens livres, mas eu estou banido. E dizes ainda que o exílio não é a morte? Não poderias me arruinar um veneno, uma faca afiada, ou qualquer outro meio súbito de morte, embora menos violento do que o “exílio” para me matar? Ah, irmão, as almas condenadas gritam esta palavra no inferno. Como, irmão, um confessor divina, espiritual, que perdoa os pecados e se diz meu amigo, como tens coragem de me torturar com a palavra “exílio”?

FRASE. Romeu sem julgo, apaixonado, escuta uma palavra do que vou te dizer.

ROMEU. Vais falar de novo em exílio.

FRASE. Vou te proteger contra essa palavra; com o doce antídoto da adversidade, a filosofia, para confortar-te, embora estejas mesmo exilado.

ROMEU. Ainda, “exilado”? Esforça a filosofia, se ela não pode criar para mim uma Julieta, mudar uma cidade de lugar, reverter a sentença de um príncipe, não me adianta nada. Não fales mais.

FRASE. Ah, percebe agora que os loucos não escutam.

ROMEU. Como poderiam, se os sábios não escergam?

FRASE. Deixa-me falar sobre tua situação.

ROMEU. Não podes falar do que não sentes. Se fosses jovem com eu, e Julieta, teu amor, e fosses casado há apenas uma hora, se tivesses matado Tebaldo, e apaixonado como eu, e exilado como eu, então poderias falar, arrancar os cabelos e te atirar ao chão, como estou fazendo, para tirar as medidas de uma cova que ainda não foi cavada.

(Batem à porta.)

FRADE. Levanta; alguém está batendo à porta. Bom Romeu, esconde-te.

RÔMEO. Não. A menos que minha angústia me encontre como uma névoa, me escondendo da vista dos outros.

(Batem.)

FRADE. Escuta como batem! Quem é? Romeu, levanta; vais ser preso. Esperem. Levanta;

(Batem.)

Corre para o meu quarto. Já vou, já vou. Meu Deus, que estúpidos! Já vou, já vou.

(Batem.)

Quem está batendo com tanta força? Quem é? O que quer?

AMA. (De dentro.) Deixe-me entrar e saberei por que vem. É da parte da senhora Julieta.

FRADE. Seja bem-vinda.

Entra a Ama.

AMA. Ah, santo frade, ah, diga, santo frade, onde está o marido de minha senhora, onde está Romeu?

FRADE. Ali no chão, embriagado com as próprias lágrimas.

AMA. Tal e qual minha senhora, tal e qual!

FRADE. Ah, que situação dolorosa! Que situação lamentável!

AMA. Ela também está assim, soluçando e chorando, chorando e soluçando. Levanta-se, levanta-se; se o senhor é um homem, levanta-se; pelo amor de Julieta, por ela, levanta-se, fique em pé; por que se abandona a esses tristes ais?

ROMÉU. Ama!

AMA. Ah, senhor! Ah, senhor! A morte é o fim de tudo.

ROMÉU. Está falando de Julieta? Como ela está? Ela pensa que sou um assassino, que manchou a infância de nossa alegria com um sangue que é quase seu? Onde ela está? Como está? O que diz minha secreta esposa de nosso amor partido?

AMA. Ah, ela não diz nada, senhor, apenas chora; e cai na cama, e se levanta de novo, e grita Tebaldo; e depois grita Romero, e cai de novo.

ROMÉU. Como se esse nome fosse um tiro de canhão que a matasse; como a maldita desse nome lra com seu parente. Ah, irmão, diz em que parte vii de meu corpo mora o meu nome? Diz, para que eu arranque este lugar odioso. *(Desenrolando a espada.)*

FRADE. Segura tua mão desesperada. És um homem? Tua aparência grita que vês: tuas lágrimas são de mulher; teu afoito selvagem e tua fúria absurda são de um animal. Uma mulher com a aparência imprópria de um homem! Um animal deformado com a aparência dos deus! Tu me surpreendes. Por meu hábito, acreditei que tivesse mais juízo. Mataste Tebaldo? Agora vais matar a ti próprio? E matar tua mulher, que vive por ti, fazendo mal a ti próprio? Por que maldizes teu nascimento, o céu e a Terra? Se o nascimento, o céu e a Terra, os três estão em ti; e os perderias todos de uma só vez. Ora! Envergonhas tua bela pessoa, teu amor, tuas qualidades. És, como um usurário, tens de tudo e não usas nada para

honrar ainda mais tua pessoa, teu amor e tuas qualidades. Tua nobre aparência nada mais é do que uma imagem de cera, desprovida dos valores de um homem; teu amor não passa de vil peripura, quando mata o amor que prometeste cuidar; tua inteligência, esse adorno da beleza e do amor, está deturpada pela conduta de ambos, como a pólvora nas mãos de um soldado inexperiente, que explode por sua própria ignorância, ferindo-se com suas próprias armas. Levanta, homem! Julieta está viva, aquela por quem quase morreste ainda há pouco; tiveste sorte. Tebaldo teria te matado, mas tu o mataste; tiveste sorte, isto também. A lei, que te ameaçou de morte, é tua amiga, e te deu o exílio. Nisto também tiveste sorte. Um fardo de blações caiu sobre tuas costas; a felicidade, em sua melhor forma, te corteja; mas, como uma criança insuadida e maltratada, fazes bico para a sorte e para o amor. Presta atenção, presta atenção, quem vive assim morre miserável. Vai, vai atrás do teu amor, conforme o combinado, sobe ao quarto dela para confortá-la. Mas, cuidado, sai de lá antes de iniciarem a ronda, senão não poderás ir até Mântua, onde vais ficar até o momento oportuno de revelar teu casamento, reconciliar teus amigos, pedir perdão ao Príncipe e voltar com alegria duzentas mil vezes maior do que as lamentos com que partiste. Vai na frente, amor; recomenda-me à tua senhora; e pede que ela ponha todas naquela cama para dormir, coisa que a tristeza que sentem facilita; Romeu irá em seguida.

AMA. Ah, senhor, eu poderia passar a noite aqui ouvindo seus bons conselhos. Ah, como se aprende aqui! Direi à minha senhora que o senhor está a caminho.

ROMEO. Faz isso, e prepara meu amor para calhar comigo.

AMA. Aqui está um anel que ela me pediu para entregar ao senhor. Sepresta, que está ficando tarde.

[Bat.]

ROMEO. Isto me reconforta!

FRATE. Vai, boa noite; e tua sorte depende disto: ou partes antes de iniciarem a ronda, ou disfarçada, quando o dia raiar. Passa o dia em Milênia; vou procurar teu criado, e ele te dará notícias do que se passar aqui. Dê-me tua mão. Está tarde; adeus; boa noite.

ROMEO. Se uma alegria maior não me fizesse partir, seria uma tristeza me separar de ti, Adreu.

[Saem.]

Cena IV. Casa dos Capuletos

Entram Capuleto, a Sra. Capuleto e Páris.

CAPULETO. As coisas tomaram um rumo tão infeliz que mal tivemos tempo de falar com nossa filha. Veja, ela amava tanto seu parente Tebaldo, e eu também. Todos nascemos para morrer. Está muito tarde; ela não descerá esta noite. Creia em mim, se não fosse por sua companhia, há uma hora eu já teria ido dormir.

PÁRIS. Esses momentos de dor não são próprios para uma conquista. Boa noite, madame; dê recomendações à sua filha.

SRA. CAPULETO. Sim, darei, e amanhã de manhã falarei com ela; esta noite ela está reclusa em sua dor.

CAPULETO. Senhor Páris, farei tudo o que puder pelo amor de minha filha. Certo que ela me obedecerá; mais do que isso, não tenho dúvidas. Mulher, vá ter com ela antes de ir para a cama; fale do amor de meu querido Páris e diga-lhe, preste atenção, que na próxima quarta-feira... mas, espere! Que dia é hoje?

PÁRIS. Segunda, meu senhor.

CAPULETO. Segunda! Ah, ah! Quarta-feira é muito cedo. Deixar para quinta! diga a ela que quinta-feira ela irá se casar com este nobre conde. Está preparado? É cedo demais? Sem muito alarde, um ou dois amigos, com a morte tão recente de Tebaldo, podem pensar que não gostávamos dele, ainda mais um parente, se fizermos muita festa; então, vamos convidar meia dúzia de amigos, e pronto. O que me diz de quinta-feira?

PÁRIS. Meu senhor, por mim quinta-feira seria amanhã.

CAPULETO. Muito bem, vai embora; terá na quinta, então. Mulher, vá procurar Julieta antes de dormir; prepare-a para o casamento. Adeus, rapaz. Humilhem meu quarto! Está tão tarde que, daqui a pouco, já se pode dizer que é cedo. Boa noite.

[Saiem.]

Cena V. Jardim dos Capuletos

Entra Romeo e Julieta, em cena.

JULIETA. Já vais partir? Ainda não é dia; foi o rouxinol, e não a cotovia, quem pôs medo em teus ouvidos; de noite, ela canta nos galhos da roseira. Acredita, meu amor, foi o rouxinol.

ROMEO. Foi a cotovia, o mensageiro da manhã. Não o rouxinol. Amor, olha aquelas nuvens invejosas que cortam as nuvens do nascente; as trevas da noite já se apagaram e o dia vem alegre na ponta dos pés, no alto das colinas cobertas de névoa. Preciso ir, e viver, ou ficar, e morrer.

JULIETA. Aquela não é a luz do dia; eu sei. É algum meteoro que do sol despega feito uma tacha, para fluminar teu caminho até Mântua; então fica; não tens que ir ainda.

ROMÉU. Pouco importa que me prendam ou me matem; fico feliz, se é o teu desejo. Dizei que aquele clima não é o olho da manhã, mas o reflexo pálido da face da Círcia; e que não é da cotovia o canto que alcança a alvorecida oriental, tão alta acima de nós. Prefiro ficar a partir. Que venha a morte, e seja bem vinda! Julieta assim o quer. Que tal, meu amor? Vamos conversar, ainda não é dia.

JULIETA. É sim, é dia, sim; vai embora, agora, fuge; foi a cotovia quem cantou tão desafinada, com suas notas estridentes e seus agudos desagradáveis. Dizem que a cotovia canta com harmonia, mas hoje não, porque nos separa. Dizem que a cotovia e o sapo trocaram os olhos; ah, quanta eu que tivesse trocado a voz, também! Porque essa voz nos arranca dos braços um do outro, rapando-te daqui, ao anunciar o despertar do dia. Ah, vai-te embora! Estás cada vez mais claro.

ROMÉU. Cada vez mais claro, mas anseio em nome aflies!

Entra a Ama.

AMA. Madama!

JULIETA. Ama?

AMA. Sua mãe está vindo para o quarto. Já raiou o dia; seja prudente, preste atenção.

[Sai.]

JULIETA. Então, janela, deixa o dia entrar e minha vida sair.

ROMÉU. Adeus, adeus! Um beijo e eu desorei. [Ele deixa.]

JULIETA. Tão cedo, amor - senhor, marido, amigo! Preciso saber de ti a cada dia da hora, pois em um minuto há muitos dias; ah, por essa conta, estarei bem velhinha quando tornar a ver Romeu!

ROMÉU. Adeus! Mandarei notícias sempre que puder, amor.

JULIETA. Oh, será que nos veremos novamente?

ROMÉU. Tenho certeza; e toda essa tristeza serão doces lembranças no futuro.

JULIETA. Ah, meu Deus, minha alma está sendo um mau presságio! Vendo-te, aí embaixo, parece que estás morto, no fundo de uma cova; os meus olhos se enganam, ou estás pálido.

ROMÉU. Cof, amor, também me pareces pálido; a aflição bebeu nossas sangas. Adieu, adieu!

(Foi embora.)

JULIETA. Ah, destino, destino! Os homens lhe chamam de inconstante. Se és inconstante, o que queres com mim, que é tão fiel? Sejas então inconstante, destino. Espero assim que não o leveis por muito tempo, e logo o tragas de volta.

SRA. CAPULETO. (De dentro.) Oh, filha! Estás acordada.

JULIETA. Quem me chama? É minha mãe. Ainda não dormiu, ou já está acordada? Que estranha razão a traz aqui?

Entra a Sra. Capuleto.

SRA. CAPULETO. Mas, a essa hora, Julieta!

JULIETA. Não me sinto bem, madame.

SRA. CAPULETO. Choras ainda a morte de teu primo? Vais afogá-lo no túmulo com lágrimas? É se puderes, não poderias mesmo assim ressuscitá-lo; portanto,

chaga. Um pouco de tristeza é demonstração de amor; tristeza demais é falta de juízo.

JULIETA. Mas deixe-me chorar uma perda tão sentida.

SRA. CAPULETO. Então sentes a perda, mas não o amigo por quem choras.

JULIETA. Sentindo muito esta perda, não tenho escolha senão chorar pelo amigo.

SRA. CAPULETO. Então, menina, não choras tanto porque ele morreu, mas porque ainda está vivo o miserável que o matou.

JULIETA. Que miserável, madame?

SRA. CAPULETO. Aquela bandido, o Romeu.

JULIETA. [À parte] Bandido e ele longa distância os separem! Deus o perdoe! Eu o perdoo, de coração; embora nenhum outro homem me oprima tanto o coração.

SRA. CAPULETO. Isso é porque aquele assassino traidor ainda está vivo.

JULIETA. Sim, madame, e longe do alcance de minhas mãos. Poderia eu vingar a morte de meu primo!

SRA. CAPULETO. Nós nos vingaremos, não te preocupes; portanto, para de chorar. Vou mandar alguém até Mântua, onde aquele nobre está exilado, para lhe dar uma dose de bebida tão forte que ele logo vai fazer companhia a Tebaldo; espero que, assim, fiques satisfeita.

JULIETA. Jamais ficarei satisfeita enquanto não vir Romeu - morto - assim está meu coração. Irritado com um parente. Madame, se pudesse encontrar uma pessoa que tivesse algum veneno, eu mesma o prepararia, para que Romeu, tomando-o, dormisse em paz. Oh, como meu coração abomina ouvir seu nome e

não poder se aproximar para expressar o amor que sinto por meu primo
Tebaldo, sobre o corpo de quem o assassinou!

SRA. CAPULETO. Encontra os meios, que eu encontrarei tal pessoa. Mas agora,
menina, vamos falar de coisas alegres.

[JULIETA. A alegria me vem bem neste momento de necessidade. Do que se trata?

SRA. CAPULETO. Bem, bem, tens um pai muito zeloso, criança; um pai que, para
afastar-te da tristeza, preparou de repente uma alegria que não esperavas, nem
eu poderia prever.

[JULIETA. Em boa hora, e que dia é esse, madame?

SRA. CAPULETO. Presta atenção, minha criança, na manhã da próxima quinta-
feira, o jovem, galante e nobre cavalheiro, o conde Piria, na igreja de São Pedro,
fará de ti uma noiva muito feliz.

[JULIETA. Nem pela igreja, nem por São Pedro, ele fará de mim uma noiva feliz. Eu
me pergunto por que tanta pressa, porque tenho que me casar antes que o noivo
venha me conquistar. Peço que diga a meu senhor e pai, madame, que não me
casarei, ainda e, quando me casar, juro que serei com Romeu, a quem sabe que
odeio, e não com Piria. Essas são as novidades!

SRA. CAPULETO. Ah vem teu pai; diz tu mesma, e vê como ele recebe a notícia de
tua boca.

Entra o Capuleto e a Anã.

CAPULETO. Quando o sol se põe, o ouvido cai; com a morte de meu sobrinho,
chove a distorção. E esta agora? Chove, menina? Ainda em lágrimas? Ainda
choras? Num corpo tão pequeno, tu imitas um barco, um mar e os ventos; tens
olhos vazios e flares em lágrimas, feito o mar. Teu corpo é um barco, velejando

na corrente salgada; e tras suspiros, e vento, que enfiarem as lágrimas, e elas a ele, e se não ficar bom tempo, farão naufragar seu corpo, vencido pela tempestade. E isto agora, mulher! Comunique a ela essa decisão?

SRA. CAPULETO. Sim, senhor; mas ela não quer, embora lhe agradeça. Quisera eu que ela esposasse o próprio tirano!

CAPULETO. Calma! Deixe-me entender, deixe-me entender, mulher. Como, ela não quer? Como não agradece? Não está orgulhosa? Esta indigna não está feita com o nobre cavalheiro que escolhemos como noivo?

JULIETA. Orgulhosa não estou, mas agradecida, sim. Não posso me orgulhar do que odeio, mas posso até ficar agradecida por um mal que me é feito por amor.

CAPULETO. Mas, mas, mas, mas que lógica é essa! O que isso quer dizer? "Orgulhosa", "agradecida", "não agradecida" e "não posso me orgulhar"? Quanta espírita, me agradece sem gratidão, se orgulha sem orgulho, prepara suas pernoctas até quinta-feira para ir com Páris à igreja de São Pedro, senão eu te arrastarei até lá. Fora, sua carcaça! Fico morto! Descarada!

SRA. CAPULETO. Ei, ei! O que foi, ficou louco?

JULIETA. Meu bom pai, eu lhe peço de joelhos, escute com paciência o que tenho a dizer.

CAPULETO. Esforça-te, peso morto! Miserável, desobediente! Vou dizer uma coisa, a senhorita vai à igreja na quinta-feira, ou nunca mais me olhe no rosto. Não fale, não replique, não responda: estubas meus coelhos. Mulher, um dia nos sentamos pouco abençoados que Deus tenha nos dado só uma filha; mas hoje vejo que esta uma já é demais, e que isto não passa de uma maldição. Tire essa vagabunda daqui!

AMA. Deus a abençoe! Não é justo, senhor, tratá-la desse modo.

CAPULETO. E por quê, sabichona? Cale a sua boca; vá falar com suas contadras.

AMA. Eu não disse nada de errado.

CAPULETO. Oh, meu Deus!

AMA. Não se pode mais falar?

CAPULETO. Chega, falatrona! Guarde as suas verdades para suas amigas, não
não precisamos delas aqui.

SRA. CAPULETO. O senhor está muito agitado.

CAPULETO. Sacramento! Isto me enerva. De dia, de noite, a toda hora, a todo
instante, todo sempre, trabalhando, divertindo-me, sozinho, acompanhado,
minha única preocupação sempre foi com o casamento dela; e agora, que
encontrei um sobre de estirpe, com pouca, jovem, bem educado, ferrado, como
se diz, bem aposentado, equilibrado, tudo o que se espera de um homem, tenho
que ouvir esta tola, miserável, choraminga, uma boneca reclamona, dizer,
quando a sorte lhe sorri, "não vou me casar, não consigo amar, sou muito jovem,
peço que me desculpem"! Mas ela não vai se casar, e vai ver como eu a perdoo. Vá
pastar onde quiser, a senhorita não mora mais comigo. Preste atenção, reflita; eu
não estou de brincadeira. Quinta-feira está chegando; ouça seu coração: se é
minha filha, vai ficar com meu amigo; sendo, enfoque-se, merdique, passe fome,
morra nas ruas, pois eu juro por minha alma, não a reconheço, nem o que é meu
jamais será seu. Acredite e pense bem, pois eu não volto atrás.

[Sai]

JULIETA. Não há alma piedosa neste mundo que olhe para o fundo da minha dor?
Ah, mãe querida, não me abandone! Adie este casamento por um mês, uma
semana, sendo, faça meu leito nupcial no túmulo escuro onde repousa Tebaldo.

SRA. CAPULETO. Não fales comigo, pois não vou dizer uma palavra! Faz como quiseres, pois para mim, não significas mais nada.

[Soz.]

[JULIETA. Oh, Deus! Oh, ama! Como posso evitar isso? Meu marido está na terra, a fi que Juni está no céu; como pode a fi retornar à terra, se meu marido não a trazer do céu, deixando a terra? Dá-me conforto, um conselho. Ai, ai, como pode o céu apontar assim com um ser tão frágil como eu! O que me dizes? Nenhuma palavra para me alegrar? Algum conforto, ama.

AMA. Por minha fi, recuete: Romeu foi enfiado. E aposto a que flor como ele não ouse voltar para vir buscá-la; ou, se vier, terá que vir na sardinha. Por isto, do jeito que as coisas estão, acho melhor se casar com o conde. Oh, ele é um cavalheiro tão amável! Romeu é um trape perto dele; uma água, madame, não tem olhos tão verdes, náupias e beijos como os de Piria. Maldito seja meu coração, se não madame for feliz nesse casamento, pois é melhor do que o primeiro, e, se não for, seu primeiro está morto, ou é como se estivesse, já que não mora aqui e a senhorita não pode ser sua esposa.

[JULIETA. Palas do coração?

AMA. E alma, também. Malditos sejam os dois, se não for verdade.

[JULIETA. Amém!

AMA. O quê?

[JULIETA. Tu me ajudaste maravilhosamente. Vai e diz à senhora minha mãe que fui me confessar com o frei Lourenço, para que ele me absolva por ter desagradoado a meu pai.

AMA, frei; e esta é uma sábia decisão.

[Sol.]

JULIETA. Ah, velha maldita! Dêmben! Seu maior pecado é querer que eu perjure, ou é criticar meu marido com a mesma língua que o exaltou milhares de vezes? Vai, conselheira, meu coração separou-se de teu. Vou procurar o irmão, e ver o que me aconselha; se tudo o mais falhar, tenho forças para morrer. [Vai.]

QUARTO ATO

Cena I. Apartados de frei Lourenço

Entra o Frei Lourenço e o Conde Páris.

FRADE. Na quinta-feira, senhor? Está em cima da hora.

PÁRIS. Meu sogro Capuleto quer assim. E eu não sou nada bobo de refrear sua pressa.

FRADE. O senhor diz que desconhece a opinião da moça; este é um caminho tortuoso; não me agrada.

PÁRIS. Ela não para de chorar a morte de Tebaldo, por isso, mal pode falar de amor com ela! Vêmos não corri em uma casa em lágrimas. E o pai dela, senhor, acha perigoso ela se entregar assim à tristeza. E sabidamente apressa nosso casamento, para estancar esse rio de lágrimas; que, alimentado pelo isolamento da moça, pode até ninguém se ela tiver companhia. Agora já sabe o motivo da pressa.

FRADE. (à parte) Quem dera eu não soubesse as razões de refrear a pressa. Olhe, aí vem chegando a menina.

Entra Julieta.

PÁRIS. Então feita em viúva, senhorita e esposa?

JULIETA. Talvez, senhor, se um dia eu for esposa.

PÁRIS. Que este talvez seja um sim, meu amor, na próxima quinta-feira.

JULIETA. O que tiver de ser será.

FRADE. Isto é certo.

PÁRIS. Veio confessar-se com o frade?

JULIETA. Para responder a essa pergunta, teria que me confessar com o senhor.

PÁRIS. Não negar ao frade que me ama.

JULIETA. Confesso-lhe que amo o frade.

PÁRIS. E confessará, tenho certeza, que me ama.

JULIETA. Se o fizer, essa confissão terá mais valor se for feita em sua ausência, e não em sua presença.

PÁRIS. Pobre alma, estás com o rosto acobrado de tanto chorar.

JULIETA. As lágrimas pouco afetaram meu rosto, eu já estava feia antes disso.

PÁRIS. Fazes mal falando assim, mais do que chorando.

JULIETA. Calúnia não cometo, senhor; o que eu disse, disse diante do meu rosto.

PÁRIS. Teu rosto é meu, e tu o calunias.

JULIETA. Pode ser, porque meu não é. O senhor está livre, santo frade, ou deve voltar na missa da noite?

FRADE. Estou à tua disposição, filha penitente. Meu senhor, agora temos que ficar a sós.

PÁRR. Deus me livre de perturbar a devoção! Julieta, vou acordá-la na quinta-feira de manhã. Aí! lá, adeus, e fique com um beijo respeitoso.

(Soz.)

JULIETA. Oh, fecha a porta, e quando o dia vier feito, vem chorar comigo – não há esperança, não há cura, não há ajuda.

FRADE. Ah, Julieta, já conheço tua dor; isto me perturba muito além do compreensível. Ouvi dizer que nesta quinta-feira, não mais tarde do que isso, terias que te casar com esse conde.

JULIETA. Não me digas que ouviste isso, frade, a menos que me digas como evitá-lo; se, em tua sabedoria, não poderes me ajudar, considera sábio a minha decisão e com esta faca resolverei tudo agora mesmo. Deus uniu meu coração e o de Romeu, tu uniste nossas mãos; e antes que esta mão, por ti selada à de Romeu, sirva de selo a outro contrato, ou que meu coração sincero com uma reinvigitação se incline para outro, isto deve acabar com ambos. Por isso, do alto de tua experiência, dá-me alguns conselhos; do contrário, verás como esta faca sangrenta servirá de árbitro entre mim e meu desespero, resolvendo o que, com a autoridade de tua aia e de teu saber, não podeste levar a um fim honroso. Não deuses a falar; desejo a morte, se o que disseres disser que não há remédio.

FRADE. Espera, filha; vejo uma esperança que pede uma cautela tão desesperada quanto a atitude que queremos impedir. Se, para não expor Párr, tua força de vontade suficiente para matar-te, estás está claro que enfrentarias algo parecido com a morte para afastar essa desonra, e que envolve a própria morte, para escapar dela; se ouvires, então te darei o remédio.

JULIETA. Oh, pede-me para saltar do alto de qualquer torre, para caminhar em estrada de ladrões, ou esconder-me em um serpenteiro, mas não para me casar com Párr; acorrenta-me com urso selvagem, ou me encadeia à noite em uma catacumba, coberta por esqueletos crispantes, tibias podres e crânios sem

manifestação; ou pedir que me dête em uma coisa creída crevida. E recorde-me com um defunto em sua mortalha – coisas que, só de ouvir falar, já me fizeram tremer, e eu o fizeti sem nenhuma dívida sem medo, para continuar sendo uma esposa para para meu querido amor.

FRADE. Espere, então; volte para casa, mostre-te feliz, e dê teu consentimento para casar com Páris. Amanhã é quarta-feira; amanhã à noite, dá um jeito de ficar sozinho, não permitas que a ama se dête contigo em teu quarto. Foga este fusco e, quando estiveres deitado, bebe todo o líquido; nesse momento, correrá por tua veia um líquido frio e entorpecente; nenhum pulso seguirá seu curso normal, pois tudo cessará; nenhum calor, nenhum suspiro dará provas de que vive; o vermelho das tuas líbias e rosto dará lugar à palidez das cinzas, e teus olhos irão fechar, como a morte quando encerra a dia de uma vida; teus membros, livres de teu domínio, irão, frios e tensos, parecer mortos; e com esta aparência emprestada da morte deverás permanecer durante quarenta e duas horas, e então acordarás como que de um sono agradável. Assim, quando o noivo chegar de manhã para te acordar na cama, já estarás morta. De acordo com os costumes de nosso país, em tuas melhores roupas, e descoberta num caixão, serás levada ao mesmo antigo jazigo onde todos os antepassados dos Capuletos foram sepultados. Enquanto isso, antes que acordes, Romeu saberá de nossa trama e irá até lá; ele e eu assistiremos teu despertar, e nossa mesma noite Romeu te levará para Mântua. E isto te livrará da desonra, se nenhum capricho volúvel ou medo feminino abater tua coragem.

[JULIETA. Dá-me, dá-me! Não me fales de medo!]

FRADE. Toma; vai embora, sé forte e próspera em tua resolução. Vou enviar imediatamente um frade até Mântua, com uma carta para teu marido.

[JULIETA. O amor me dá forças! E as forças me ajudam. Adeus, frade!]

[Saem.]

Cena II, Casa dos Capuletos

Entram Capuleto, Sra. Capuleto, Ana e dois ou três Criados.

CAPULETO. Convide a todos que estão nesta lista. *[Lê um criado.]* E tu, rapaz, vai e contrata vinte hábeis corinónticos.

CRÍADO. Sem problemas, senhor: vou ver se sabem lambear os dedos.

CAPULETO. E como vais ver isto?

CRÍADO. Fácil, senhor, um mau costureiro não sabe lambear os próprias dedos; portanto, quem não lambear os dedos, não virá consigo.

CAPULETO. Vai, lá. *[Lê o Segundo Criado.]* Talvez fiquemos sem provisões desta vez. E então, minha filha foi ver a frei Laureço?

ANA. Sim, ela foi.

CAPULETO. Bem, talvez ele consiga dar um jeito nela; umazinha caprichosa e descontente, é o que ela é.

Entra Julieta.

ANA. Veja como vem contente, da confusão.

CAPULETO. E então, toimosa? Foi passar onde?

JULIETA. Lá, onde aprendi a me arrepender do pecado da desobediência ao senhor e às suas ordens; fui incumbida pelo santo Laureço a prostrar-me aqui e pedir a sua perdão. Perdão, eu imploro. De hoje em diante, farei sempre a sua vontade.

CAPULETO. Procurem o conde; vão avisá-lo. Amanhã, faremos o casamento.

JULIETA. Encontrei o conde nos aposentos do Frei Laureço e dei a ele mostras de todo amor que pode, sem ultrapassar os limites da moderação.

CAPULETO. Fico feliz; muito bem, levante-se. As coisas estão como deviam ser. Quero vê-lo; vá, tragam-me o conde até aqui. Por Deus, este santo frade, toda a cidade deve muito a ele.

JULIETA. Mãe, vem comigo até meu quarto para me ajudar a escolher o traje mais apropriado para a festa de amanhã?

SRA. CAPULETO. Não, até quinta-feira teremos tempo suficiente.

CAPULETO. Vá, mãe, vá com ela. Amanhã, iremos à igreja.

(Saem Julieta e a Mãe.)

SRA. CAPULETO. Temos que ser rápidos com as providências; já é quase noite.

CAPULETO. Ora, eu tudo disso rapidamente, tudo ficará pronto, eu garanto, mulher. Vá com Julieta, ajude-a a se arrumar; não vou dormir esta noite, deixei-me sozinho. Desta vez, vou bancar o dono de casa. Vá. Todos já se foram; vou andando encontrar o conde Páris, para prepará-lo para amanhã. Meu coração está levezinho desde que esta menina caprichosa se casou.

(Saem.)

Cena III. Quarto de Julieta

(Entram Julieta e a Mãe.)

JULIETA. Sim, este traje está melhor; mas, querida ama, eu te peço, deixa-me sozinha esta noite, pois tenho que ser muito para convencer os céus a sorrirem para mim, pois sabes bem que ando perturbada e em pecado.

Entra a Sra. Capuleto.

SRA. CAPULETO. Está ocupada? Precisa de minha ajuda?

JULIETA. Não, madame; já escolhi tudo o que preciso para a cerimônia de amanhã. Agora, por favor, deixa-me sozinha, e que a ama passe a noite a seu lado; pois sei de que está muito ocupada com essa história tão repentina.

SRA. CAPULETO. Boa noite. Vai para a cama e descansa; estás precisando.

(Sai a Sra. Capuleto e a Ama.)

JULIETA. Adeus! Só Deus sabe quando vamos nos ver novamente. Sinto um arrepio gelado nas veias, que quase me congela o calor da vida; vou chamá-las de volta para me reconfortarem. Amas! Mas o que ela viria fazer aqui? Tenho que agir sozinha nesta triste situação. Vem, frasco. E se a poção não funcionar? Vou me casar amanhã de manhã? Não, não; isto aqui vai me impedir. Fica aqui. *(Põe a adaga.)* E se for algum veneno que o frade astutamente preparou para me ver morta, e não ser desmoralizada por este casamento, tendo já me casado antes com Romeu? Temo que sim; mas não, não deve ser, ele tem dado provas de ser um homem santo. E se, quando estiver deitada na sepultura, eu acordar antes de Romeu vir me salvar? Isto é algo a temer! Será que não vou ficar sufocada naquele jasego, em cuja boca pútrida não entra nemhuma ar saudável, e morrer asfixiada, antes da chegada de Romeu? Ou se sobreviver, será que a horrível imagem da morte e da noite, aquele lugar assustador - uma sepultura, um velho depósito onde durante centenas de anos foram amontoados os ossos de meus ancestrais, onde Tebaldo, todo resangrentado, ainda verde na terra, já apodrecendo em sua mortalha; onde, como dizem, em certas horas vagam os espíritos - aí, aí, será que, acordando tão cedo, com aquele odor repugnante, e os

gritos que ouvimos quando arrancam as mandrágoras da terra, e que fazem enlouquecer os homens; aí, se eu acordar, sei que não vou enlouquecer no meio de todos esses horrores e não vou me meter como uma louca a brincar com os ossos de meus antepassados? E arrancar Tebaldo todo mutilado de sua mortalha? E, num acesso de raiva, com algum osso enorme de algum antepassado, feita um bastão, xamagalhar meu cérebro em dezassete? Aí, olha! Parece que vejo o fantasma de meu primo à procura de Romeu, que espera seu corpo na ponta de um punhal para Tebaldo, para Romeu, aqui entre nós, eu bebo a ti.

(Ele bebe e cai sobre sua cama.)

Cena IV. Casa dos Capuletos

Entram a Sra. Capuleto e a Ama.

SRA. CAPOLETO. Espera, pega estas chaves e vai buscar mais temperos, ama.

AMA. Os pastelinhos estão pedindo tâmaras e marmelo.

Entra Capuleto.

CAPOLETO. Tâmaras, rápido, rápido, rápido! O segundo galo já cantou, já sou o toque de recolher, são três horas. Vai buscar a carne assada, boa Angélica; e não economize.

AMA. Vá, é dono da casa, vá, vá para a cama; pare, amanhã estará doente por ter passado a noite em claro.

CAPOLETO. Imagina! Por muito menos, já vareei as noivas e nunca adoeci.

SRA. CAPOLETO. É, era um malherengo na época; mas agora vou cuidar para que não vare mais as noivas.

(Saem. A Srta. Capuleto e a Ama.)

CAPULETO. Chamenta, chamenta!

Entram três ou quatro criados com espelhos, lenha e costões.

O que temos aí, rapazes?

PRIMEIRO-CRIADO. Isto é para o cozinheiro, senhor: mas não sei o que é.

CAPULETO. Depressa, depressa. *(Sai o Primeiro Criado.)* Rapaz, vai buscar lenha mais seca; chama o Pedro; ele vai te mostrar onde está.

SEGUNDO-CRIADO. Sou esperto, senhor, vou encontrar a lenha, não precisa incomodar Pedro por isso.

CAPULETO. Muito bem, assim é que se fala. Uma festa animada, há! Logo serão choro... da lenha. *(Sai o Segundo Criado.)* Por Deus, já é dia; o conde logo estará aqui com a música; pelo menos disse que estaria. *(Música.)* Já estão chegando. Anai! Mulher! Cadê? Ama, estou chamando!

A Ama volta.

Vai acordar Julieta, vai e põe ela de pé; vou falar com Páris. Rápido, rápido. O noivo já chegou. Rápido, estou mandando.

(Saem.)

Cena V. Quarto de Julieta

Entre a Ama.

AMA. Senhora! Senhora! Julietta! Rápido, aposto que está dormindo. Carneirinho! Senhora! Vamos, sua preguiçosa! Amor! Madame! Querida! Nôiva! Nem uma palavra! Está aproveitando para dormir, hein? Durma por uma semana; pode amanhã, eu garanto, o conde Piero estará bem descansado e a senhorita vai poder dormir bem pouco. Meu Deus! Minha noiva, seja louvada. Como dorme! Tenho que acordá-la. Madame, madame, madame! É, deixe o conde pegá-la na cama; vai acordá-la com um susto. Não vai? (Abre as cortinas.) O quê, já vestida, mas com as roupas de ontem, e dormia novamente! Tenho que acordá-la. Senhora! Senhora! Senhora! Ai, ai! Alguém me ajude! Alguém me ajude! Minha senhora está morta! Ah, bendito o dia em que eu fui nascido! Tragam conhaque, ei! Senhor! Senhora!

Entra o Sr. Capuleto.

SRA. CAPULETO. Que confusão é esta aqui?

AMA. Ah, que dia infeliz!

SRA. CAPULETO. Qual é o problema?

AMA. Olha, olha! Ah, que dia triste!

SRA. CAPULETO. Ah, não! Ah, não! Minha criança, minha única vida. Revive, olha para cima, ou eu sou morta contigo! Alguém me ajude! Alguém me ajude! Vai buscar ajuda.

Entra Capuleto.

CAPULETO. Que vergonha, tragam Julietta para cá; o noivo já chegou.

AMA. Ela está morta, morreu, está morta; ah, que dia!

SRA. CAPULETO. Que dia, ela está morta, ela está morta, ela está morta!

PÁRIS. Enganado, divorciado, traído, humilhado, morto! Morte detestável, fui enganado por ti, cruel, cruel, derrotada. Oh amor! Oh, vida! Não a vida, mas o amor na morte!

CAPULETO. Humilhado, atormentado, odiado, martirizado, morto! Tempos difíceis, porque viste agora acabar, acabar com nossa festa? Ah, criança! Ah, criança! Minha alma, e não minha criança! Estás morta; aí, minha criança está morta, e com minha criança, minhas alegrias foram enterradas.

FRADE. Paciência, mas que vergonha! A cura para este desespero não está no desespero. O céu compartilhava conosco esta bela moça; agora o céu tem tudo, o que por certo é melhor para ela. A parte que tinham dela, ninguém pôde afastar da morte, mas o céu agora guarda sua parte na vida eterna. Queriam vê-la promovida, era esta a idêia que tinham de céu; e choram agora, ao ver que ultrapassou as nuvens, que vive alta como o céu? Ah, este amor, amam tão mal esta criança que enlouquecem, vendo que ela está bem. Não está bem casada quem assim vive muito tempo, mas está melhor casada quem casada morre cedo. Sequem suas lágrimas, e espalhem rosmaninho neste corpo, como é de costume, e em sua melhor forma levem-na para a igreja; pois embora a natureza do amor nos leve a lamentar, a natureza das lágrimas é natão de contentamento.

CAPULETO. Tudo o que preparamos para a celebração, agora será motivo de funeral; os instrumentos serão sinos melancólicos, os brindes, uma cerimônia de enterro, as louvações, tristes requintos; e os hinos celebrando o cadáver no exterior; tudo agora serve a seu contrário.

FRADE. Entre, senhor; e madame, vá com ele; vá, também, senhor Páris. Preparem-se todos para seguir este belo corpo até o túmulo. O céu os está punindo por alguma maldade; não o irritem, pois é esta a suprema vontade.

[Saem todos, menos o Amo e os Músicos.]

PRIMEIRO MÚSICO. Por Deus, vamos guardar nossos foles e ir embora.

CAPULETO. Ah! Deixe-me ver. Ah, ah! Ela está fria; o sangue parou e os membros estão rígidos. A vida e estes lábios, faz tempo que não andam juntas. A morte pousou sobre ela com uma grada fora de estação na flor mais bela do campo.

AMA. Que dia lamentável!

SRA. CAPULETO. Ah, tempo de dor!

CAPULETO. A morte, que a levou daqui para me fazer sofrer, cortou-me a língua e não me deixa falar.

Entra o Frei Laurence e o jovem Páris, com anfitriões.

FRADÉ. A noiva está pronta para ir à igreja?

CAPULETO. Pronta para ir e nunca mais voltar. Ah, meu filho, uma noite antes do teu casamento a Morte deitou-se com tua esposa. *Aí está ela, uma flor, deflorada pela morte. A morte é meu genro, a morte é minha herdeira; casou-se com minha filha; vou morrer e deixar tudo para ela; a vida, meus bens, tudo pertence à morte.*

PÁRIS. Esperei tanto para ver este dia, e ele me chega com este espetáculo?

SRA. CAPULETO. Dia maldito, feio, desgraçado, odioso! A hora mais miserável que o tempo já viu no longo curso de sua peregrinação! Eu tinha só uma filha, uma pobrezinha, uma pobre e amada filha, apenas uma para me dar alegria e conforto, e a morte cruel roubou-a de mim!

AMA. Oh, tristeza! Oh, dia triste, triste, triste! Dia mais lamentável, mais triste que já vi, jamais, jamais em toda minha vida! Oh, dia! Oh, dia! Oh, dia! Dia odioso! Nunca vi um dia tão negro com oeste. Dia miserável, miserável!

PÁRIS. Enganado, divertido, trapaceado, humilhado, morto! Morte detestável, fui enganado por ti, cruel, cruel, derrotado. Oh amor! Oh, vida! Não a vida, mas o amor na morte!

CAPULETO. Humilhado, atormentado, odiado, martirizado, morto! Tempos difíceis, porque virás agora acabar, acabar com nossa festa? Ah, criança! Ah, criança! Minha alma, e não minha criança! Estás morta; ai, minha criança está morta, e com minha criança, minhas alegrias foram enterradas.

FRADE. Paciência, mas que vergonha! A cura para este desespero não está no desespero. O céu compartilhava conosco esta bela moça; agora o céu tem tudo, o que por certo é melhor para ela. A parte que tinham dela, ninguém pôde alistar da morte, mas o céu agora guarda sua parte na vida eterna. Queriam vê-la prometida, era esta a ideia que tinham de céu; e choram agora, ao ver que ultrapassou as nuvens, que vive alta como o céu? Ah, este amor, amam tão mal esta criança que enlouquecem, vendo que ela está bem. Não está bem casada quem assim vive muito tempo, mas está melhor casada quem casada morre cedo. Separem suas lágrimas, e espalhem rosmaninha neste corpo, como é de costume, e em sua melhor forma leve-a para a igreja; pois embora a natureza do amor nos leve a lamentar, a natureza das lágrimas é riuço de contentamento.

CAPULETO. Tudo o que preparamos para a celebração, agora será motivo de funeral; os instrumentos serão sons melancólicos, os brindes, uma orfandade de enterro, as honrações, tristes réquiem; e os baques cobrindo o cadáver no enterro; tudo agora serve a seu contrário.

FRADE. Entre, senhor; e madama, vá com ele; vá, também, senhor Páris. Preparem-se todos para seguir este belo corpo até o túmulo. O céu os está punindo por alguma maldade; não o irritem, pois é esta a suprema vontade.

(Saem todos, menos o Amor e os Músicos.)

PRIMEIRO MÚSICO. Por Deus, vamos guardar nossas tolas e ir embora.

AMA. Bons rapazes, ah, guardem, guardem; podem ver que a situação é lamentável.

(Sai.)

PRIMEIRO MÚSICO. Isto é certo, as coisas poderiam estar melhores.

Entra Pedro.

PEDRO. Músicos, ah, músicos, "Paz no coração", "Paz no coração"! Ah, me animem, toquem "Paz no coração".

PRIMEIRO MÚSICO. E por que "Paz no coração"?

PEDRO. Ah, músicos, porque meu coração toca "Meu coração está repleto de tristeza". Ah, toquem alguma coisa alegre para me confortar.

PRIMEIRO MÚSICO. Mas nem triste! Não é hora de tocar.

PEDRO. Não vão tocar, então?

PRIMEIRO MÚSICO. Não.

PEDRO. Isto vai custar caro.

PRIMEIRO MÚSICO. Vai custar o quê?

PEDRO. Não é dinheiro, por Deus, vou lhes pagar com isto: arranhadores.

PRIMEIRO MÚSICO. Tome o troco: arranha-plateas.

PEDRO. E eu lhe dou com a faca de arranhar pratos na cabeça. Guardem a suas semánticas. E podem ir de ré, sem dó. Notaram?

PRIMEIRO MÚSICO. Se nos manda ir de ré sem dó é o senhor quem vai nos notar.

SEGUNDO MÚSICO. Por favor, guarde o seu punhal e seja razoável.

PEDRO. Fiquem então com minha razão! Guarde o punhal logo e apresente minha língua afiada. Respondam como homens.

"Quando a angústia fere o coração e uma triste melodia persegue a razão, a música, com seus sons de prata" Por que "sons de prata"? Por que "a música, com seus sons de prata"? O que é que o senhor acha, João das Tripas?

PRIMEIRO MÚSICO. Porque a prata tem um som doce.

PEDRO. Bonito! E o senhor, Rabeleco?

SEGUNDO MÚSICO. "Sons de prata" porque os músicos tocam por dinheiro.

PEDRO. Bonito, também! E o senhor, Zé Espigão?

TERCEIRO MÚSICO. Não sei o que dizer.

PEDRO. Ah, por favor, os músicos são os senhores; vou dizer, então. "A música, com seus sons de prata", porque músicos não têm ouro para tocar.

"Então a música, com seus sons de prata, traz alívio ao coração."

(Zei.)

PRIMEIRO MÚSICO. Que criadotinho mais insolente!

SEGUNDO MÚSICO. Pro inferno com ele, João! Já estamos aqui; vamos esperar os parentes velarem o corpo, e ficar para o jantar.

(Entra o terceiro músico.)

(Entra o terceiro.)

TERCEIRO MÚSICO. Não há mais nada a fazer aqui. O primeiro músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa. O segundo músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa. O terceiro músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa.

(Entra o quarto músico.)

QUARTO MÚSICO. Não há mais nada a fazer aqui. O primeiro músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa. O segundo músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa.

QUINTO MÚSICO. Não há mais nada a fazer aqui. O primeiro músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa. O segundo músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa.

SEXTO MÚSICO. Não há mais nada a fazer aqui. O primeiro músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa. O segundo músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa.

SÉTIMO MÚSICO. Não há mais nada a fazer aqui. O primeiro músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa. O segundo músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa.

ÓTIMO MÚSICO. Não há mais nada a fazer aqui. O primeiro músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa. O segundo músico não pôde mais resistir ao trabalho de escrever o discurso fúnebre, e foi obrigado a ir para casa.

QUINTO ATO

Cena I. Minúcia. Uma rua

Entra Romeu.

ROMEU. Se posso crer nas ilusões do sono, meus sonhos trazem bona presságios. O senhor do meu peito está tranquilamente sentado em seu trono, e um lábio inusitado me eleva do chão, com pensamentos alegres. Sonhei que minha senhora vinha e me encontrava morto. Estranho sonho, que concede a um homem morto a faculdade de pensar! E ela me restituía a vida com um beijo nos lábios, e eu revivia, e me tornava imperador. Ah! Como é doce possuir um amor quando sua mera sombra já nos traz contentamentos!

Entra Baltazar, criado de Romeu.

Notícias de Verona! É então, Baltazar! Trazes alguma carta do irmão? Como está minha senhora? Meu pai está bem? Como está Julieta? Isto, pergunto eu de novo, pois se ela está bem, nada pode estar mal.

BALTAZAR. Certo, ela está bem, e nada vai mal. Seu corpo repousa no jazigo da Capela, e sua alma imortal vive com os anjos. Eu a vi deitada no jazigo da família e imediatamente vim avisá-lo. Ah, desculpe se trago más notícias, mas o senhor me encarregou disto.

ROMEU. É isto? Certo, eu vou desafio, virei-las. Sabes onde me hospedo: arruma tinta e papel, e aluga alguns cavalos; parto esta noite.

BALTAZAR. Eu lhe peço, tenha calma; o senhor está pálido e agitado, e isto é sinal de mal-sorte.

ROMEU. Quêto, estás enganado; deixa-me e faz o que te pedi. Não trazes nenhuma carta do irmão?

ROMÉU. Não, senhor, não sou e não quero ser. Quero ser o que sou e não quero ser nada.

BALTAZAR. Não, meu bom senhor, não sou e não quero ser. Quero ser o que sou e não quero ser nada.

ROMÉU. Não importa, vai embora, e arranja os cavalos; Logo estarei contigo.

[Bebe o sor.] Bem, Julietta, vou deixar contigo esta noite. Vamos ver como. Ah, maldade, como estas sigilas na mente dos homens desesperados! Lembro-me de um boticário que mora por aqui, vestido aos trapos, com sobrancelhas impressionantes e vida simples. Parece muito magro; como se a miséria extrema o tivesse reduzido a osso; e em sua oficina havia uma tartaruga pendurada, um crocodilo empalhado e escamas de peixes horríveis; sobre as prateleiras, um coleção miserável de calças usadas, potes de barro cru, sementes moladas, sobras de cordões e velhos sachês de rosas, cuidadosamente arranjados à guisa de vitrine. Notando tal pobreza, disse para mim mesmo, "se alguém um dia precisar de algum veneno, cuja venda aqui em Mântua é punida com a morte, aqui vive um miserável que poderia vender." Ah, tal pensamento apenas parecia minhas necessidades; e esse mesmo homem necessitado vai vendê-lo para mim. Se me lembra bem, esta é a casa. Sendo hoje feriado, a botica deste pobre cidadão está fechada. Ei, ó Boticário!

[Entra o Boticário, segurando um frasco de vidro.]

Entra o Boticário.

[Bebe o sor.]

BOTICÁRIO. Quem está gritando, quem me chama?

[Bebe o sor.]

ROMÉU. Vem até aqui, homem. Vejo que és pobre. Toma, aqui tem quarenta ducados; dá-me uma dose de veneno que percorra tão rapidamente as veias, que um homem já cansado da vida caia morto ao tomá-lo, e seu corpo pare de respirar tão violentamente como um tiro de pólvora disparado do ótero fatal de um canhão.

[Bebe o sor.]

BOTICÁRIO. Tenho drogas assim letais; mas as leis de Mântua punem com a pena de morte quem as vender.

ROMÉU. Não, senhor, não sou e não quero ser. Quero ser o que sou e não quero ser nada.

ROMÉU. Mas assim, tão nu e miserável, temas a morte? A fome está em teu rosto, a necessidade e a opressão rugem nos olhos, o desprezo e a mendicância pendem de tuas costas, o mundo não é teu amigo, nem a lei; o mundo não faz leis que te tornem rico; não sejas então pobre, mas quebra a lei e aceita minha oferta.

BOTICÁRIO. É a pobreza, e não minha vontade quem aceita.

ROMÉU. Pago por tua pobreza e não por tua vontade.

BOTICÁRIO. Fanha isto em qualquer líquido e beba; e ainda que tirem a força de visto humano, isto o mataria imediatamente.

ROMÉU. Toma teu ouro – o veneno mais nocivo para a alma humana, e que mata mais neste mundo repugnante do que entre pobres venenosos que não podem vender. Eu te vendi veneno; tu não me vendeste nada. Adeus; compra comida, e ganha assim algum peso. Vem, remédio, e não veneno, vem comigo até o túmulo de Julieta; pois lá é que deve beber-te. (Sai.)

Cena II. Aposentos de frei Laureço

Entra Frei João.

FEI JOÃO. Santo frade franciscano! irmão!

Entra Frei Laureço.

FEI LOURENÇO. Esta deve ser a voz do Frei João. Bem-vindo de Mantua! O que diz Romeu? Ou, se escreveu, dá-me sua carta.

FEI JOÃO. Sai para procurar a companhia de um irmão descalço de nossa ordem, um que visita os doentes, e quando o encontrar, os inspetores sanitários, supondo que tenhamos estado em casa onde reinava a peste,

harmou-nos a passagem e não nos deixou prosseguir, de modo que nossa expedição até Mântua parou por ali.

FREI LOURENÇO. Quem levou minha carta para Romeu, então?

FREI JOÃO. Não consegui levá-la. Aqui está – nem consegui um pedaço de papel para trazê-la de volta, tamanho era o medo que todos tinham de pegar a peste.

FREI LOURENÇO. Ah, que azar! Palavra de irmão, não é uma carta qualquer, ela é muito importante; se não chegar em seu destino, pode causar enormes prejuízos. Frei João, segue em frente; arruma um pé-de-cabra e volta imediatamente para meus aposentos.

FREI JOÃO. Irmão, treí e trarei para ti.

(Sai.)

FREI LOURENÇO. Agora, tenho que ir sozinho até o jardim. Daqui a três horas, a bela Julieta deve acordar; e vai me amaldiçoar quando souber que Romeu não está sabendo de nada. Vou escrever outra carta para Mântua e trazer Julieta para cá, até a volta de Romeu – pobre morta-viva, fechada num túmulo com os mortos!

(Sai.)

Cena III. Verona. Cemitério da Igreja. Jardim dos Capuletos

Entram Paris e um criado, com flores e uma tocha.

PARIS. Dá-me a tocha, criado; vai, fica distante; não, apaga-a, pois não quero ser visto. Fica deitado deitado daquelas trevas com os ouvidos no chão; de modo que ninguém entre neste cemitério, cuja terra é frouxa e malediça, de tanto casarem

tímulo, – sem que percebas, E sussobia, se ouvir que alguém se aproxima. Dá-me as flores. Faz o que mando, vai.

ORIADO. (à porta) Tenho medo de ficar sozinho aqui neste cemitério; mas, vou arriscar.

(Retira-se.)

PÁRIS. Minha bela flor, enleito com flores teu leito nupcial – ah, que tristesza, teu dossel é feito de poeira e pedras! – Virei regá-lo com água perfumada, como o orvalho; na falta disto, com as lágrimas destiladas por meus suspiros. As boinhas fúnebres que te prestarei serão estas, enfeitar teu túmulo e chorar.

(O criado sussobia.)

O criado está me avisando que alguém se aproxima. Que malditas péis vagam por este caminho à noite, interrompendo minhas espiarias e meus ritos de amor? Que! É com uma tocha! Noite, oculta-me.

(Retira-se.)

Entram Romeu e Balthazar, com uma tocha, uma picareta e um pé-de-cabra.

ROMEU. Dá-me a picareta e o pé-de-cabra. Para, pega esta carta; amanhã cedo, entrega-a para meu senhor e pai. Dá-me a tocha; por tua vida, isto é uma ordem, não importa o que ouças ou vejas, fica distante e não me interrompas. Desça a este leito de morte em parte para ver o rosto de minha senhora, mas principalmente para tirar de seu dedo morto um anel precioso – um anel que usarei em minha missão muito importante; agora vai, sai daqui. Mas se retornares, curioso, para espiar o que vou fazer, por Deus, parto teus ossos e espalho teus membros neste cemitério faminto. Minhas intenções a esta hora são selvagens, mas feroces e determinadas do que um tigre faminto e o mar feroz.

BALTASAR. Já estou indo, senhor, e não a incomodarei.

ROMÉU. És meu amigo, toma isto: vive e sé próspero; e adeus, bom rapaz.

BALTASAR. (À parte.) Vou me esconder aqui perto; temo por sua apartada, e desconfio de suas intenções.

(Sai.)

ROMÉU. Boca detestável, útero da morte, repleto do berado mais querido da Terra, assim força tua mandíbula podre a se abrir.

(Abre o túmulo.)

Ainda assim, traga-te mais alimentos.

FÁRIS. Aquela é o arrogante Montíquiu, banido, que assassinou o primo de minha amada - o que se supõe que tenha sido a causa da morte da bela moça - e veio aqui para profanar os corpos. Vou detê-lo. Para com esta heresia, vil Montíquiu. Pode a vingança ir além da morte? Canalha condenado, estás preso. Obedece e vem comigo; vais morrer.

ROMÉU. Vou, de fato; e foi para isto que vim. Meu bom rapaz, não irrites um homem desesperado; vou daqui, e me deixo em paz. Ferra nestes mortos; deixa que se anedrontem. Por favor, rapaz, não me faças aciar com outra culpa, levando-me lutar; ah, vai embora! Por Deus, eu te amo mais do que a mim, e vim armado contra mim mesmo. Não fiques, vai embora; vive, para poder dizer que a misericórdia de um louco é que te fez fugir daqui.

FÁRIS. Obedeço tua ordem, e declaro-te preso por cometer um crime.

ROMÉU. Então me prometas? Toma isto!

(Latam.)

CRÍADO. Oh, meu Deus, estão lutando! Vou chamar as guardas.

(Tão Páris sai.)

PÁRIS. Oh, estás morto! Se tiveres piedade, abre esta tumba, e me deita com Julieta.

(Morre.)

ROMEO. Por Deus, que o farei. Deixa-me ver esse rosto. O parente de Mercúcio, o nobre conde Páris! O que foi que disse meu criado no caminho, que com a alma agitada não prestei atenção? Acho que disse que Páris ia se casar com Julieta. Ele disse, eu sonhei com isso? Ou estou louco de pensar assim, ouvindo-o falar de Julieta? Ah, dá-me tua mão, tu que estás inscrito como eu no livro do infortúnio! Vou enterrar-te em um túmulo glorioso. Um túmulo? Oh, não! Um fardo, jowen defunto; pois aqui jaz Julieta, e tua beirada faz deste jazigo um salão de baile iluminado. Morto, deita ali, enterrada por um defunto.

(Deita Páris no jazigo.)

Com que frequência, em seu leito de morte, os homens provam um momento de felicidade! Aquilo que quem deles cuida costuma chamar de um clarão que precede a morte. Oh, como posso eu chamar isto de um clarão? Oh, meu amor! Minha esposa! A morte, que sugou o mel de tua boca, ainda não afitou tua beirada. Não foste vencida; o signo da beirada não teus lábios e tua face corada, o pálide predílo da morte ainda não avançou sobre ti. Tebaldo, dormes aí em teu leito de sangue? Oh, que favor maior posso fazer-te senão arrancar a juventude de teu inimigo, com as mãos que podaram a tua? Perdoa-me, primo. Ah, querida Julieta, por que estás tão bela? Deixa acreditar que a morte sem substância se apaixonou por ti, e que este monstro negro e abominável vela por ti no escuro como um amante? Por medo disso, fica aqui contigo, para nunca mais sair deste palácio

tenebrosa. Aqui, aqui eu ficarei, com os vermes que são meus criados. Aqui, vou fixar meu repouso eterno e sucedir o jogo das máis-estrelas sobre meu corpo cansado do mundo. Olhos, olhos pela última vez. Braços, deem seu último abraço. E, lábios, ah, os portais da respiração, selam com um beijo legítimo o contrato atemporal com a irresistível morte! Ven, guia amarga, ven guia intragível. Teu piloto desespereado afra de uma vez sobre as pedras os barcos cansado do mar. Ao meu amor! (Bebe.) Ah, boticário fiel! Tua droga é rápida. Assim, com um beijo, eu morro.

(Cai.)

Entra o frei Lourenço, com tocha, pé-de-cabra e espada.

FREI LOURENÇO. São Francisco, me apressa! Quantas vezes esta noite, meus velhos pés tropeçaram nestes túmulos! Quem está aí?

BALTAZAR. Um amigo, e alguém que o conhece bem.

Frei Lourenço. A paz esteja com o senhor! Diga, meu bom amigo, que tocha é aquela que rebus furos para os vermes e as caveiras? Parece-me que anda no jarigo da Capela.

BALTAZAR. De fato, santo senhor; e lá está meu amo, um que o senhor ama.

FREI LOURENÇO. Quem é?

BALTAZAR. Roma.

FREI LOURENÇO. Há quanto tempo ele está lá?

BALTAZAR. Uma boa meia hora.

FREI LOURENÇO. Venha comigo até o jarigo.

BALTAZAR. Não caso, senhor. Meu mestre pensa que fui-me embora, e me ameaça terrivelmente de morte, caso eu ficasse para saber suas intenções.

FREI LOURENÇO. Fique, então, eu vou acobiar: tenho medo, oh, tenho muito medo de que alguma desgraça tenha acontecido.

BALTAZAR. Enquanto eu dormia debaixo deste telhado, senhor que meu amo lutava com alguém, e que meu amo o matou.

FREI LOURENÇO. Romeu! Ai, ei, que sangue é esse que mancha as pedras do jardim? O que significam estas espadas macabras abandonadas neste lugar de paz? Romeu! Oh, está pilado! Quem mais? O quê, Páris, também? E todo ensanguentado? Ah, que hora infeliz é culpada desta calamidade! A moça está se mexendo.

(Juliete acorda.)

JULIETA. Ah, querido irmão? Onde está meu marido? Eu me lembro bem de onde deveria estar, e aqui estou. Onde está meu Romeu?

FREI LOURENÇO. Ouço um barulho. Senhora, sai deste ninho de morte, dança e sono forçado; uma força maior do que nós frustrou nossos planos. Vem, sai; teu marido (já a teu lado) e Páris também. Vem, vou levá-la para um convento. Não perguntas nada, eu guardo este chegando; vem, vem, boa Julietta. Não me atrevo mais a ficar aqui.

JULIETA. Vai, vai embora, eu não vou sair daqui.

(Sai o Frei Lourenço.)

O que houve aqui? Uma taça nas mãos de meu querido amor? Foi mesmo o que causou sua morte. Ah, miserável! Bebeu tudo, e não deixou nenhuma gota para

min? Vou beijar teus lábios; com sorte, resta algum veneno nelos, para me reanimar com a morte. *(Beijo-o.)* Teus lábios estão quentes.

PRIMEIRO GUARDA. *(De dentro)* Guia-me, rapaz. Onde é?

JULIETA. Óço vossa? Serrei breves. Ah, bendito punhal! *(Pega o codelo de Romeu.)*
Eis tas balaña; enfeiruja aqui, e deixa-me morrer.

(Ela enfiu a espada em si e cai sobre o corpo de Romeu.)

Entra o Guarda, acompanhado do Criado de Páris.

CRÍADO. Este é o lugar; ali, onde está aquela tocha acesa.

PRIMEIRO GUARDA. O chão está coberto de sangue; procurem pelo cemitério.
Vão, e detenham todos que encontrarem.

(Saem alguns Guardas.)

Que visão lamentável! Aqui jaz o conde, morto; e Julieta sangrando, ainda quente, morta há pouco, ela que está aqui enterrada há dois dias. Vão, arriem o Príncipe; corram e chamem os Capuletos; acordem os Montéquios; e os outros, varrem todo o lugar. *(Saem outros guardas.)* Aqui jaz toda a desgraça; mas o terreno de onde brotou toda essa desgraça, não sabremos decifrar antes de conhecer todas as circunstâncias.

Voltam alguns Guardas com Balthazar.

SEGUNDO GUARDA. Aqui está o criado de Romeu, estava aqui no cemitério.

PRIMEIRO GUARDA. Detenham-no até a chegada do Príncipe.

Voltam o frei Laureço e outros Guardas.

TERCEIRO GUARDA. Aqui está o Frade, e treme, suspira e chora; estava saindo do cemitério, encontramos esta picareta e esta espada com ele.

PRIMEIRO GUARDA. Muito suspeito; detenham o Frade, também.

Entram o Príncipe e seu criado.

PRÍNCIPE. Que desastre houve assim tão cedo que nos tira da cama?

Entram Capuleto, Sra. Capuleto e outros.

CAPULETO. O que é que houve, que estão todos gritando por aí?

SRA. CAPULETO. As pessoas nas ruas gritam "Romeu", outras "Julieta", outras "Páris"; e todos correm aos gritos para o cemitério.

PRÍNCIPE. Que terror é este que perturba nossos ouvidos?

PRIMEIRO GUARDA. Príncipe, ali jaz o conde Páris, morto; e Romeu, morto; e Julieta, já antes morta, quente, e morta novamente.

PRÍNCIPE. Busquem, procurem, e descubram como esses crimes horais aconteceram.

PRIMEIRO GUARDA. Temos aqui um frade e um criado do falecido Romeu, com ferramentas próprias para abrir as tumbas desses defuntos.

CAPULETO. Oh, céu! Ah, mulher, olha como minha filha sangra! Este punhal entra e sai, pois sua bainha está vazia nas costas do Montéquio, e ele está enterrado por engano no peito de minha filha.

SRA. CAPULETO. Oh, meu Deus! Este espetáculo de morte é como um sino que alerta minha velhice para a hora do meu enterro.

Entra Montéquio e outros.

PRÍNCIPE. Vem, Montéquio, acordaste cedo para ver teu filho e herdeiro ainda mais cedo ir para o túmulo.

MONTÉQUIO. Ah, meu senhor, minha mulher morreu esta noite; a tristeza que lhe causou o exílio do meu filho parou-lhe a respiração. Que outras tristezas conspiram contra minha idade?

PRÍNCIPE. Olha e verás.

MONTÉQUIO. Oh, malridade! Que todas são suas, correr para o túmulo, antes de teu pai?

PRÍNCIPE. Calma a indignação um instante, para que possamos esclarecer este mistério, e saber de onde isto veio, quem tramou e como tudo aconteceu; depois, compartilharei da vossa dor, e os guiarei, ainda que até a morte. Por enquanto contenham-se, e deixem que o infortúnio seja escravo da paciência. Tragam aqui os suspeitos.

FREI LOURENÇO. Eu sou o mais suspeito, embora o menos capaz; ainda assim, o maior suspeito, já que a hora e o lugar depõem contra mim, nestas mortes terríveis; e aqui estou, para acusar e absolver a mim mesmo, perdido, e a mim mesmo, condenado.

PRÍNCIPE. Então diga de uma vez o que sabes sobre isto.

FREI LOURENÇO. Serei breve, pois o tempo que me resta não é tão longo quanto um relato entediante. Romeu, que ali jaz, estava casado com Julieta; e ela, que ali jaz, era a esposa fiel de Romeu. Em os casou; e o dia deste casamento secreto

coincidiu com o dia do juízo final de Tebaldo, cuja morte prematura havia o noivo desta cidade; por isto, e não por Tebaldo, Julieta enlouqueceu. O senhor, para tirá-la desse estado de tristeza, arranjou-lhe um casamento e a teria esposado à força com o conde Píris. Ela então me procurou e, desesperada, pediu-me para imaginar um jeito de livrá-la de um segundo casamento, ou ali mesmo, em meus aposentos, ela iria se matar. Embasado em meus estudos, dei-lhe uma poção para fazê-la dormir, que teve o efeito desejado, pois deu a ela toda a aparência da morte. Enquanto isto, escrevi para Romeu, instruindo-lhe que viesse até aqui nesta noite desastrosa para tirá-la de seu túmulo emprestado, quando cessassem os efeitos da poção. Mas o portador da minha carta, frei João, foi barrado por um incidente e devolveu-me a carta, antes à noite. Então, sozinho, na hora prevista para a moça despertar, vim aqui para tirá-la do jazigo da família, com a intenção de mantê-la em meus aposentos, até que eu pudesse mandar chamar Romeu. Mas, quando cheguei, alguns minutos antes de seu despertar, jactos aqui, mortos prematuramente, o pobre Píris e o fiel Romeu. Ela acordou; e eu lhe roguei que saísse dali e aceitasse a vontade divina com paciência. Mas então um barulho me assustou e me tirou da tumba, e ela, desesperada, não quis vir comigo. E, como tudo indica, violentou a si própria. Isto é tudo o que sei; quanto ao casamento, foi presenciado pela ama; e se tudo isto aconteceu por minha culpa, que minha vida seja sacrificada, um pouco antes de sua tempo. No rigor da mais severa lei.

PRÍNCIPE. Ainda o temos por um homem santo. Onde está o criado de Romeu? O que ele tem a dizer sobre isto?

BALTAZAR. Levei a meu amo a notícia da morte de Julieta; imediatamente, ele veio do Múrtas até aqui, este mesmo cemitério. Esta carta, ele me deu para que entregasse a seu pai; e me ameaçou de morte, ao entrar no jazigo, se eu não fizesse embora, deixando-o ali sozinho.

PRÍNCIPE. Dá-me a carta, quero vê-la. Onde está o criado do conde, que chamei os guardas? Rapaz, o que fazia teu amo neste lugar?

CRÍADO. Ele trouxe flores para enfeitar o túmulo de sua noiva; e pediu-me para ficar à distância, e foi o que fiz. Logo, chegou alguém com uma tocha, para abrir o jazigo; em seguida, meus dois punos a espada e lutou com ele; foi quando corri para chamar os guardas.

PRÍNCIPE. Esta carta confirma as palavras do frade, a história de amor, e a notícia da morte dela; e aqui ele diz que comprou veneno de um pobre boticário e trouxe até o jazigo, para morrer e deitar-se ao lado de JULIETA. Onde estão as inimigas? Capuleto, Montéquio, vejam a maldição que caiu sobre o nome dela, e como o céu encontrou um meio de acabar com suas angústias através do amor! E eu, que aqui com negligência diante desta rivalidade, perdi também alguns parentes. Fomos todos punidos.

CAPULETO. Oh, irmão Montéquio, dá-me tua mão. Este é o dote de minha filha, pois nada mais posso pedir.

MONTÉQUIO. Mas eu posso te dar mais. Vou erguer uma estátua de ouro para em homenagem a ela, para que enquanto Verona for conhecida por este nome, não haja outro símbolo tão valioso de honestidade e fidelidade, como Julieta.

CAPULETO. Embora tão rico esteja Romeu ao lado dela, pobres as vítimas de nossa inimizade!

PRÍNCIPE. Esta manhã traz consigo uma paz sombria; o sol, de fato, hoje não há de brilhar. Vão, falem sobre estes tristes acontecimentos; alguns serão perdoados, outros, punidos; pois nunca houve uma história tão triste como esta, de Julieta e de Romeu.

(Som.)

FIM